

Jovens no Pós-Secundário em 2019

Percursos de Inserção Escolar e Profissional



DGEEC | novembro | 2020

FICHA TÉCNICA

Título

Jovens no pós-secundário em 2019 – percursos de inserção escolar e profissional

Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC)

Divisão de Estudos e de Gestão do Acesso a Dados para Investigação (DEGADI)

Equipa

Susana Fernandes, Patrícia Pereira, Joana Duarte e Pedro Abrantes (relatório)

Susana Fernandes (recolha de informação e apuramento de dados)

Ricardo Santos (cálculo de ponderadores)

Edição

Direção de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC)

Av. 24 de Julho, n.º 134

1399-054 Lisboa

Tel.: (+351) 213 949 200

Fax: (+351) 213 957 610

E-mail: dgeec.degadi@dgeec.mec.pt

URL: <http://www.dgeec.mec.pt>

© novembro 2020

ÍNDICE

SUMÁRIO EXECUTIVO.....	3
Introdução	6
1. Caracterização	6
2. Prosseguimento de estudos: jovens que concluíram o ensino secundário e estavam exclusivamente a estudar.....	12
2.1. Formação frequentada e áreas de estudo mais escolhidas	14
2.2. Razões para a escolha do curso e grau de satisfação.....	19
3. Percursos no mercado de trabalho: jovens que concluíram o ensino secundário e estavam exclusivamente a trabalhar	22
3.1. Inserção profissional e motivações para a integração no mercado de trabalho	24
3.2. Regime de trabalho, profissão desempenhada e satisfação com o percurso profissional.....	28
4. Trabalhadores-estudantes: jovens que concluíram o ensino secundário e estavam simultaneamente a estudar e a trabalhar.....	32
5. Jovens que não estudam, nem trabalham	38
Nota metodológica	41
Siglas e abreviaturas.....	42
Anexos	43

SUMÁRIO EXECUTIVO

A publicação *Jovens no Pós-Secundário em 2019: Percursos de Inserção Escolar e Profissional* procura descrever, através de um inquérito aplicado em 2019/2020, as trajetórias dos jovens que frequentaram o ensino secundário em Portugal, sensivelmente um ano após terem concluído este nível educativo. Quais prosseguiram estudos superiores e em que modalidades e áreas de formação? Quais ingressaram no mercado de trabalho, em que categorias profissionais e através de que meios? Quais optaram por trabalhar e prosseguir estudos em simultâneo? E quais se encontram numa situação de maior vulnerabilidade, sem se encontrarem a estudar, nem a trabalhar?

O relatório está organizado em cinco capítulos. O primeiro disponibiliza uma caracterização sumária destes jovens relativamente às ofertas de educação e formação que frequentaram no ensino secundário, o género, a idade, o nível de escolaridade dominante da família, a natureza do estabelecimento de ensino frequentado, a média das classificações no ensino secundário e a atividade realizada no pós-secundário. No segundo capítulo, analisamos o prosseguimento de estudos, procurando-se compreender que jovens concluíram o ensino secundário e estavam exclusivamente a estudar, quer em percursos pós-secundários quer em percursos no ensino superior. No terceiro capítulo, observam-se os percursos de inserção no mercado de trabalho dos jovens que concluíram o secundário e estavam exclusivamente a trabalhar. No quarto capítulo apresenta-se o percurso dos trabalhadores-estudantes, isto é, os jovens que se encontravam simultaneamente a estudar e a trabalhar. No quinto e último capítulo, procura-se compreender quem são os jovens que não se encontravam a estudar, nem a trabalhar, catorze meses após terem concluído o ensino secundário.

Entre os principais resultados, destacam-se os seguintes:

A maioria dos jovens que concluíram o ensino secundário (61%) fizeram-no através de um dos quatro cursos científico-humanísticos, 35% através de um curso profissional e os restantes 4% através de outras modalidades, como os cursos tecnológicos, o ensino artístico especializado e os cursos vocacionais. As raparigas estão maioritariamente entre os diplomados dos cursos científico-humanísticos, do ensino artístico especializado e dos cursos vocacionais, estando em minoria nos cursos profissionais e nos cursos tecnológicos. A maioria destes jovens têm idade inferior ou igual a 19 anos, existindo diferenças assinaláveis por oferta de educação e formação frequentada no secundário. O nível de escolaridade das famílias também revela diferenças quando analisados por oferta de educação, sendo os jovens que frequentavam o ensino artístico especializado (85%), os cursos

científico-humanísticos (72%) e os cursos tecnológicos (60%) provenientes de famílias que detinham um nível de escolaridade mais elevado (ensino secundário ou ensino superior).

A maioria (62%) dos jovens que concluíram o ensino secundário encontravam-se, catorze meses depois, **exclusivamente a estudar**, quer em percursos pós-secundários quer em percursos no ensino superior. Este segmento é composto maioritariamente por raparigas (57%), por alunos provenientes de cursos científico-humanísticos (83%), de famílias com um grau de escolaridade ao nível do ensino superior (41%) e que terminaram o ensino secundário com médias iguais ou superiores a 15 valores (59%). A quase totalidade destes jovens (98%) frequentava o ensino superior, nomeadamente, uma licenciatura numa instituição universitária (65%). As áreas de estudo mais escolhidas foram as ciências sociais, comércio e direito (31%), a engenharia, indústrias transformadoras e construção (16%), a saúde e proteção social (15%) e as ciências, matemática e informática (15%). Desempenhar a profissão desejada (43%), ser o curso que gostariam de estudar (40%) e oferecer boas oportunidades de emprego (35%) foram as razões mais apontadas para a escolha do curso ou formação. 76% dos jovens frequentavam o curso escolhido na primeira opção, e quanto mais elevada era a média de classificações, mais estes jovens entraram na sua primeira opção. Por último, a maioria dos jovens declararam estar satisfeitos ou muito satisfeitos com o trajeto escolar e académico (83%).

Quase um quarto (23%) dos jovens que concluíram o ensino secundário encontravam-se, catorze meses depois, **exclusivamente a trabalhar**. Entre estes, a grande maioria frequentou um curso profissional (81%), sendo uma situação mais comum ao sexo masculino (54%) e aos jovens provenientes de famílias com habilitações escolares que não excedem o ensino básico (65%). É também uma situação mais recorrente entre jovens de nacionalidade estrangeira, em comparação com os portugueses. Metade destes jovens obtiveram classificações entre os 10 e os 14 valores. A inserção profissional deu-se logo após a conclusão do ensino secundário (54%) ou passados mais de cinco meses do final do curso (33%). Esta inserção profissional aconteceu, maioritariamente, através de candidatura espontânea, ajuda de amigos e/ou familiares e a colocação na empresa onde realizaram o estágio. A sua atividade profissional desenvolvia-se, na generalidade dos casos (86%), a tempo inteiro e apenas 1% se encontrava a trabalhar sazonalmente. Apesar de uma notável diversidade, as profissões desempenhadas enquadravam-se principalmente na categoria “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” (37%), destacando-se os jovens provenientes de cursos profissionais por uma maior proporção já a desempenhar funções de especialistas ou de técnicos de nível intermédio. 75% dos jovens demonstraram estar satisfeitos ou muito satisfeitos com o trabalho desempenhado.

O conjunto de **trabalhadores-estudantes** abrangeu 8% do total de jovens que concluíram o ensino secundário, mas o valor duplica no caso daqueles que não têm nacionalidade portuguesa. São os homens (56%) quem mais se encontram nesta situação, observando-se também uma maioria de jovens provenientes de famílias com estudos superiores ou secundários (62%), existindo apenas 3% com um nível de escolaridade igual ou inferior ao 1.º CEB. 66% destes jovens começaram a trabalhar antes de terminar o ensino secundário, seguindo-se os que começaram a trabalhar logo após o seu término (20%). A maioria destes jovens desenvolvia a sua atividade profissional a tempo parcial (68%), existindo apenas 19% que se encontravam a trabalhar a tempo inteiro. Dos que trabalhavam a tempo inteiro, 36% eram provenientes de cursos CET e 21% de cursos TeSP num instituto politécnico (21%). As profissões desempenhadas por estes jovens inseriam-se, em mais de metade dos casos, na categoria do “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” (51%).

Por fim, de entre os jovens que haviam completado o secundário, uma percentagem mais pequena (6%) encontrava-se numa situação mais vulnerável, uma vez que **não estudava nem trabalhava**, sendo a maioria raparigas, provenientes de famílias com habilitações escolares que não excedem o ensino básico (66%) e com uma média de classificações entre os 10 e os 14 valores (61%). Estes jovens pretendem, na sua larga maioria, aceder ao mercado de trabalho para alcançar a sua independência financeira (74%), tendo para isso já solicitado a ajuda de amigos e/ou familiares (77%), realizado candidaturas espontâneas (75%), inscrito num centro de emprego (53%) e respondido a anúncios (46%). De referir que os jovens que concluíram o ensino secundário através de cursos vocacionais apresentam uma maior concentração neste segmento (23%), em comparação com aqueles que o fizeram nas restantes modalidades de ensino.

Introdução

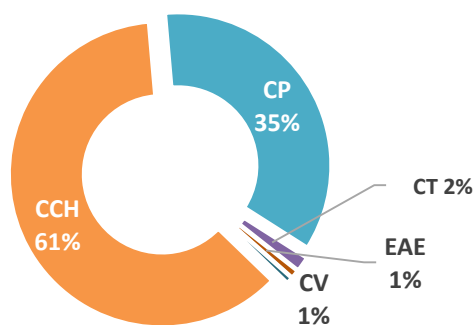
A presente publicação apresenta os principais resultados da 7ª edição do inquérito “Jovens no Pós-Secundário”, em 2019, dirigido aos jovens que frequentaram o ensino secundário em Portugal, 14 meses após a data prevista de conclusão desse nível educativo. Este inquérito está inserido no âmbito do Observatório de Trajetos dos Estudantes do Ensino Secundário (OTES) da Direção-Geral de Estatísticas de Educação e Ciência (DGEEC). É um projeto que constitui um mecanismo de monitorização e acompanhamento dos trajetos escolares e profissionais de jovens que frequentam (ou frequentaram) o ensino secundário em escolas públicas e privadas de Portugal Continental, de forma a apoiar a prestação de contas e as tomadas de decisão, ao nível local e central.

A edição do inquérito de 2019 foi aplicada ao universo de estudantes que responderam ao inquérito “Estudantes à Saída do Secundário 2017/18”, entre outubro de 2019 e maio de 2020. A operação estatística é censitária e visa retratar o percurso de 71 978 jovens após a conclusão do ensino secundário. Para enquadrar a análise apresentada no estudo, descreve-se sumariamente as ofertas de educação e formação abrangidas (ver anexo I).

1. Caracterização

Em 2019, a quase totalidade dos alunos que tinham terminado o ensino secundário, concluíram um curso científico-humanístico (CCH) ou um curso profissional (CP), com primazia para o primeiro (61% e 35% respetivamente). Os restantes 4%, concluíram outras ofertas de educação e formação, tais como cursos tecnológicos (CT), ensino artístico especializado (EAE) e cursos vocacionais (CV) (figura 1). Quando se compara estes dados com as taxas de conclusão das estatísticas da educação 2017/2018, os dados são os mesmos em todas as ofertas de educação e formação.

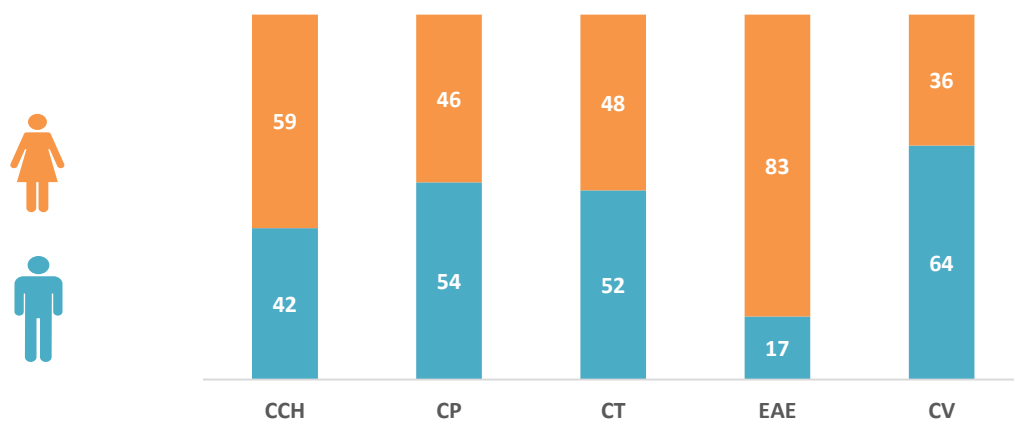
Figura 1 – Jovens por oferta de educação e formação frequentada no secundário (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Nos cursos do ensino artístico especializado a presença das raparigas é maioritária (83%), seguindo-se os cursos científico-humanísticos (59%). Os rapazes frequentaram mais os cursos vocacionais¹ (64%), cursos profissionais (54%) e cursos tecnológicos (52%) (figura 2).

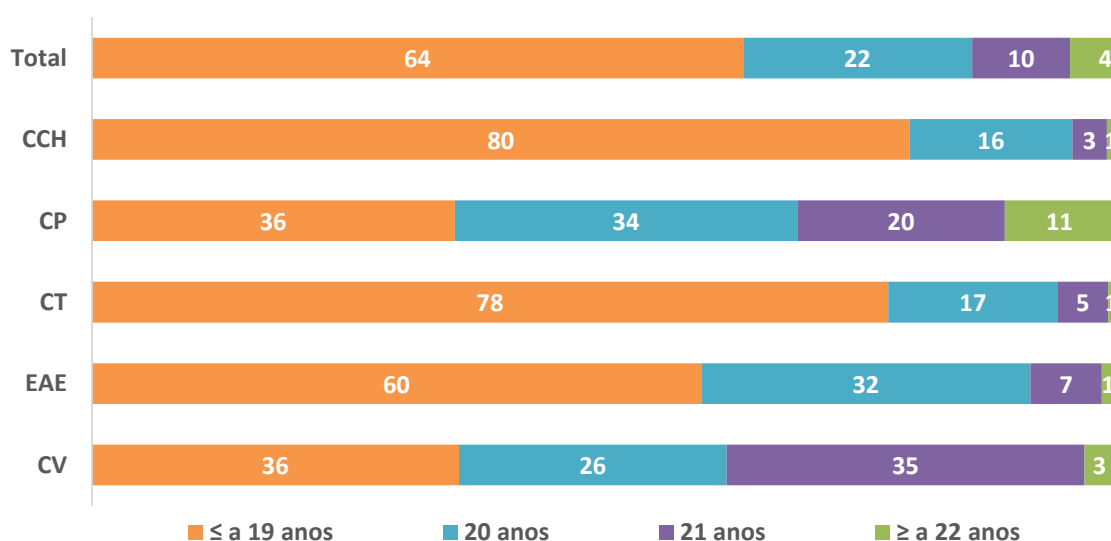
Figura 2 – Jovens, por sexo e oferta de educação e formação (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

A maioria dos jovens que concluíram o ensino secundário tinham idades iguais ou inferiores a 19 anos (64%) e os restantes distribuíam-se em percentagem decrescente pelas seguintes idades: 22% com 20 anos e 14% com 21 anos ou mais. Os jovens que frequentaram os cursos científico-humanísticos, cursos tecnológicos e ensino artístico especializado eram, em média, mais novos, situando-se sobretudo na faixa etária igual ou inferior a 19 anos. Por outro lado, os alunos dos cursos vocacionais e profissionais tinham, na maioria, uma idade igual ou superior a 20 anos (ambos 64%) (figura 3).

Figura 3 – Jovens, por idade e oferta de educação e formação (%)

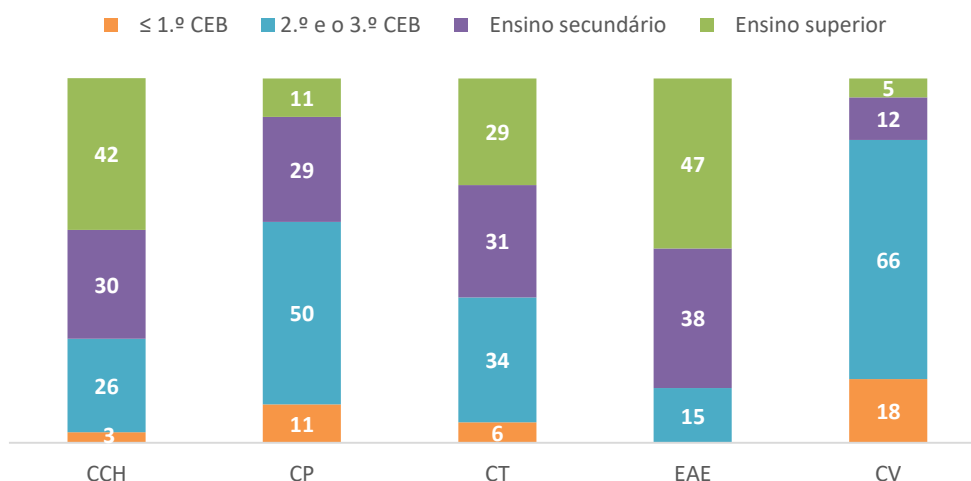


Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

¹ Apesar dos cursos vocacionais atualmente já não estarem disponíveis no sistema de educação, em 2017/2018 esta oferta de educação e formação encontrava-se disponível tendo estes jovens respondido ao questionário estudantes à saída do secundário 2017/2018.

Enquanto os núcleos familiares dos jovens que frequentaram o ensino artístico especializado (85%), os cursos científico-humanísticos (72%) e os cursos tecnológicos (60%) detinham um nível de escolaridade mais elevado (ensino secundário ou ensino superior) (figura 4), as famílias dos jovens dos cursos profissionais (61%) e dos cursos vocacionais (84%) detinham habilitações escolares mais baixas (2º e 3º CEB ou igual ou inferior ao 1º CEB).

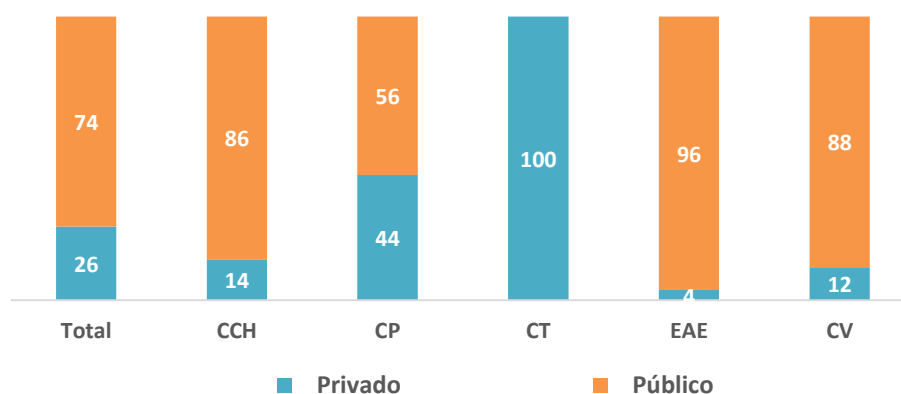
Figura 4 – Jovens, por nível de escolaridade dominante na família e oferta de educação e formação (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

As escolas públicas foram o estabelecimento de ensino mais frequentado pelos jovens (74%) face a 26% que frequentaram um estabelecimento de ensino privado. Foi no ensino artístico especializado (96%), nos cursos científico-humanísticos (86%) e nos cursos vocacionais (88%), que se registou uma maior predominância de jovens provenientes de escolas públicas (figura 5). De salientar, que nos cursos tecnológicos todos os jovens inquiridos vinham de estabelecimentos privados (100%), até porque esta oferta de educação e formação só existe nestes estabelecimentos de ensino.

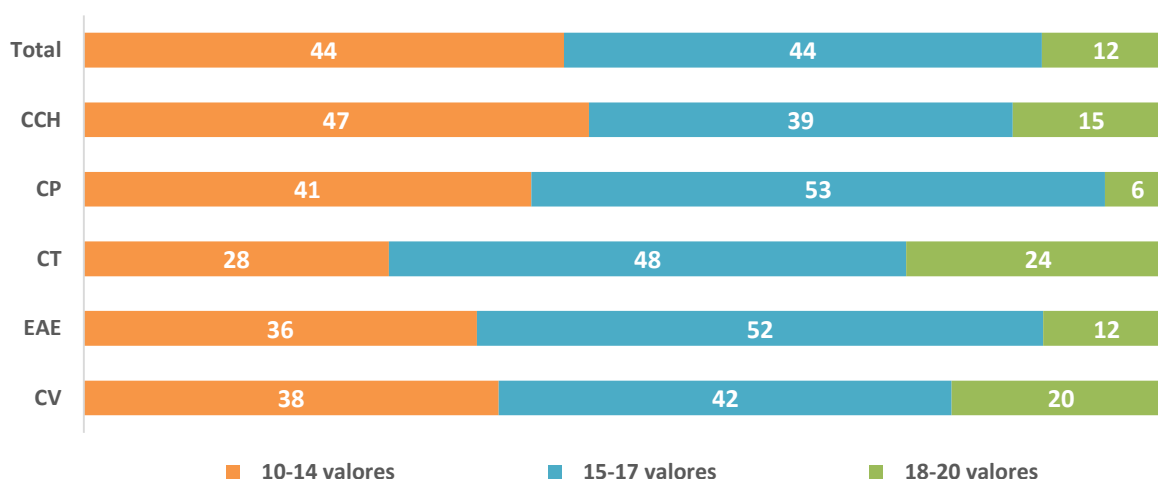
Figura 5 – Jovens, por natureza de estabelecimento de ensino e oferta de educação e formação (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Os jovens que frequentaram os cursos tecnológicos (24%) e os cursos vocacionais (20%) foram aqueles que obtiveram notas mais altas (≥ 18 valores), enquanto as médias mais baixas (≤ 14 valores) foram as dos jovens dos cursos científico-humanísticos (47%) (figura 6). Para os restantes cursos, as médias situaram-se principalmente entre os 15 a 17 valores, com particular expressão nos cursos profissionais e no ensino artístico especializado (53% e 52%, respetivamente). De realçar que apenas 6% dos jovens dos cursos profissionais apresentaram uma média mais elevada (≥ 18 valores).

Figura 6 – Média das classificações no secundário por oferta de educação e formação (%)

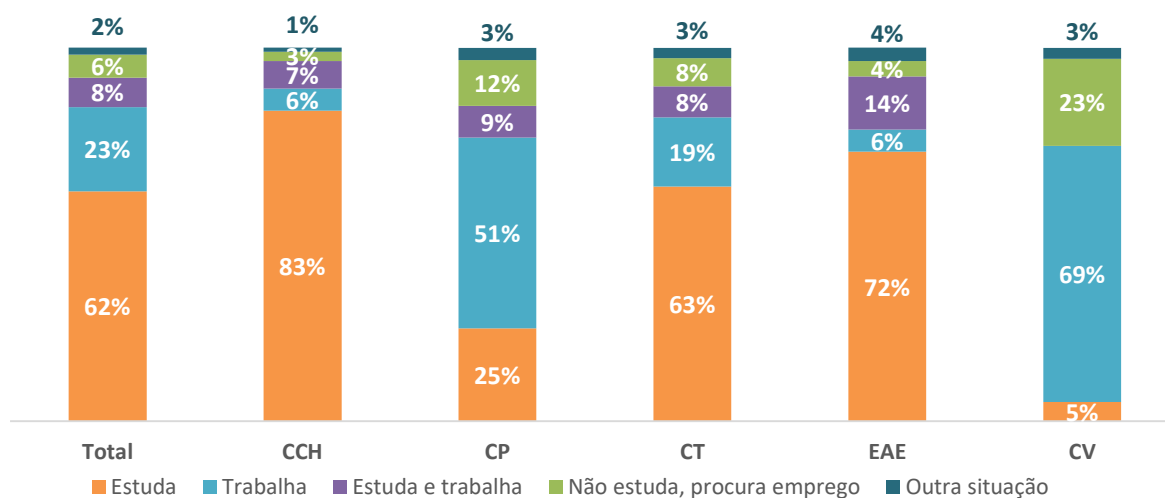


Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Independente da oferta formativa que frequentavam 14 meses após a conclusão esperada do ensino secundário, a maioria destes jovens (62%) estavam exclusivamente a estudar, 23% a trabalhar, 8% estudavam e trabalhavam ao mesmo tempo e 6% estavam à procura de trabalho (figura 7).

A situação destes jovens apresentava especificidades diferentes, pois por um lado, os que frequentaram os cursos científico-humanísticos encontravam-se exclusivamente a estudar (83%) e apenas 6% a trabalhar, por outro, os que frequentaram os cursos profissionais e vocacionais, na sua maioria (51% e 69% respetivamente) encontravam-se exclusivamente a trabalhar, ou procuravam emprego (12% e 23%). Estas duas situações explicam-se pela natureza dos cursos, em que os primeiros estão pensados principalmente para o prosseguimento de estudos superiores, enquanto os cursos profissionais e vocacionais estão mais direcionados para uma integração imediata no mercado de trabalho, obtendo uma dupla certificação, profissional e escolar (nível secundário).

Figura 7 – Jovens, por atividade realizada no pós-secundário e oferta de educação e formação (%)



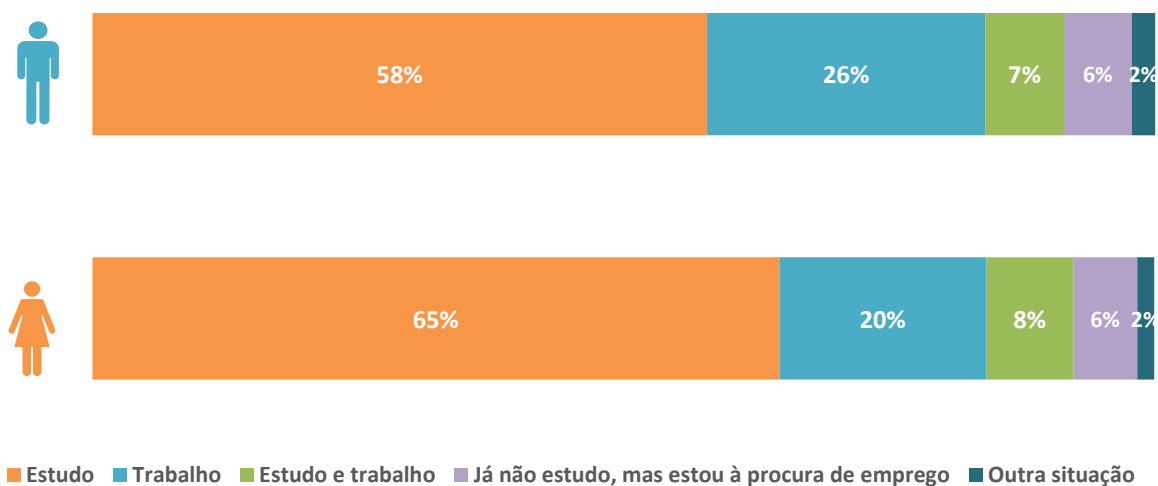
Nota:

Outra situação – incluem formações no Centro de Emprego, carta de condução, formações específicas em determinadas áreas, entre outras.

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Enquanto as raparigas são as que mais se encontravam exclusivamente a estudar (65% face a 58%), os rapazes são os que mais estavam exclusivamente a trabalhar (26% face a 20%). Não se verificam diferenças para os que estudavam e trabalhavam, nem para os que, não estudavam, mas estavam à procura de emprego (figura 8).

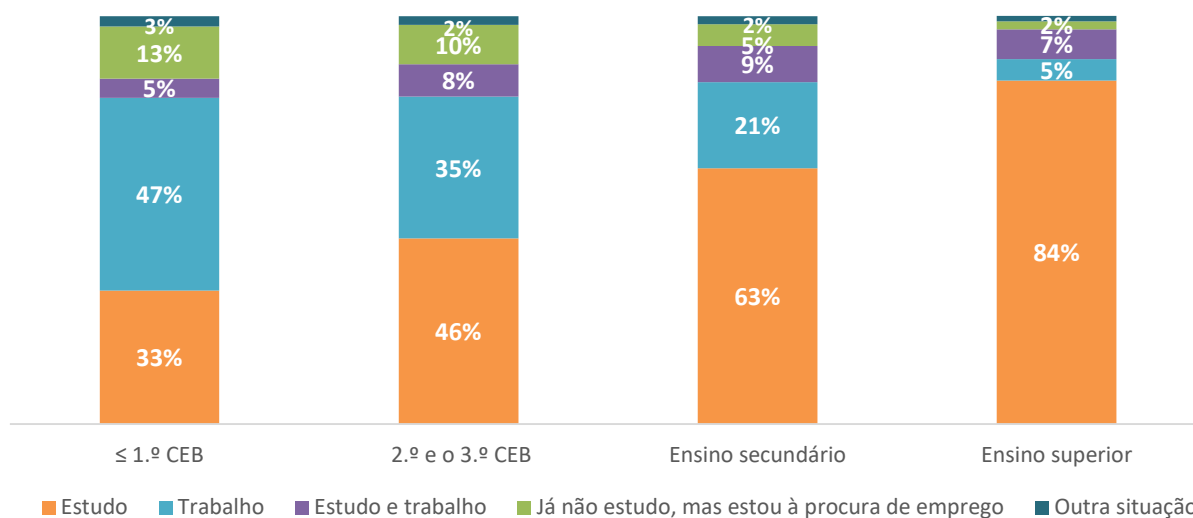
Figura 8 – Jovens, por atividade realizada no pós-secundário e oferta de educação e formação e sexo (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Quanto mais elevadas as habilitações escolares das famílias dos jovens, mais estes se encontravam exclusivamente a estudar ($\leq 1.^\circ$ CEB – 33% face ensino superior – 84%), verificando-se o inverso para os que pertenciam a núcleos familiares com recursos escolares mais baixos que são os que mais estavam exclusivamente a trabalhar (47% face a 5%) ou que já não estudavam, mas estavam à procura de emprego (13% face a 2%) (figura 9).

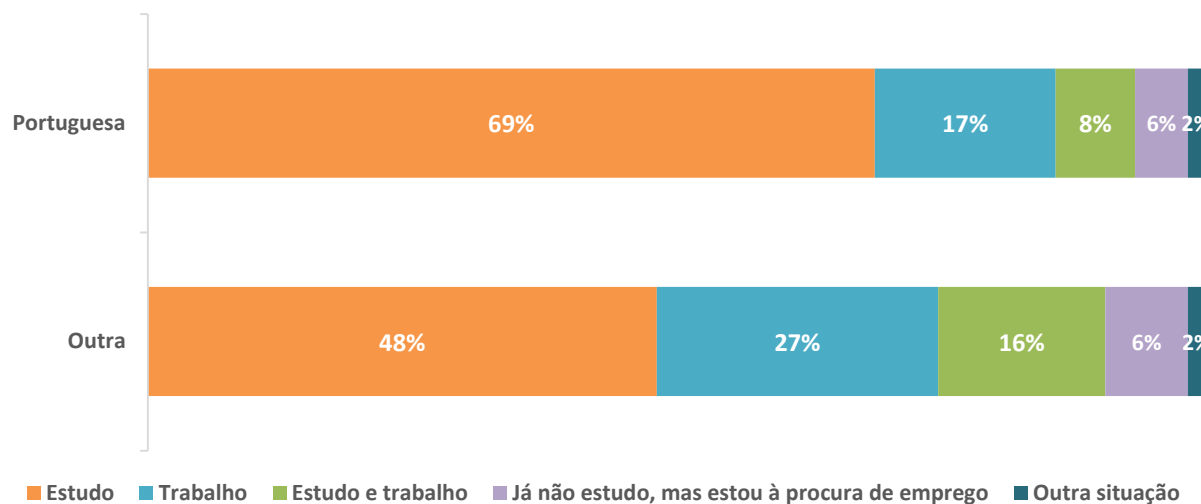
Figura 9 – Jovens, por atividade realizada no pós-secundário, oferta de educação e formação e nível de escolaridade dominante da família (%)



Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Uma análise da nacionalidade dos jovens revela que os detentores de nacionalidade portuguesa são os que mais se encontravam exclusivamente a estudar (69% face a 48%), enquanto os de outras nacionalidades estavam mais exclusivamente a trabalhar (27% face a 17%) ou a trabalhar e estudar (16% face a 8%) (figura 10).

Figura 10 – Jovens, por atividade realizada no pós-secundário e oferta de educação e formação e nacionalidade (%)



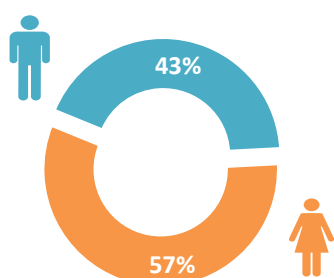
Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

2. Prosseguimento de estudos: jovens que concluíram o ensino secundário e estavam exclusivamente a estudar

Do total de jovens diplomados do ensino secundário, 62% encontravam-se exclusivamente a estudar, quer em percursos pós-secundários quer em percursos no ensino superior. Neste capítulo procura-se caracterizar quem eram esses jovens que se encontravam exclusivamente a estudar, de que ofertas de educação e formação procediam, quais as suas origens sociodemográficas e o desempenho no ensino secundário. No prosseguimento de estudos, analisa-se também que tipo de formação estavam a frequentar, que áreas de estudo escolheram e quais as motivações da sua escolha. Por fim, analisamos as expectativas que tinham à saída do secundário se concretizaram.

As raparigas eram as que mais se encontravam exclusivamente a estudar (57% contra 43% dos rapazes) (figura 11).

Figura 11 – Jovens exclusivamente a estudar, por sexo (%)

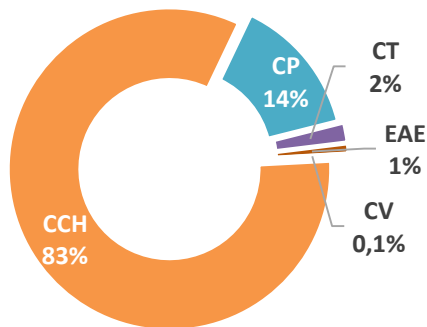


N = 44300

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Os jovens que se encontravam exclusivamente a estudar frequentavam na sua maioria um curso científico-humanísticos (83%), seguindo-se os dos cursos profissionais (14%). As restantes ofertas de educação e formação, assumem valores residuais abaixo dos 2% (cursos tecnológicos - 2%; cursos do ensino artístico especializado - 1% e cursos vocacionais – 0,1%). Tendo em consideração o número residual de jovens dos cursos vocacionais a estudar exclusivamente, nas análises seguintes os mesmos não serão analisados (figura 12).

Figura 12 – Jovens exclusivamente a estudar, por oferta de educação e formação frequentada no secundário (%)

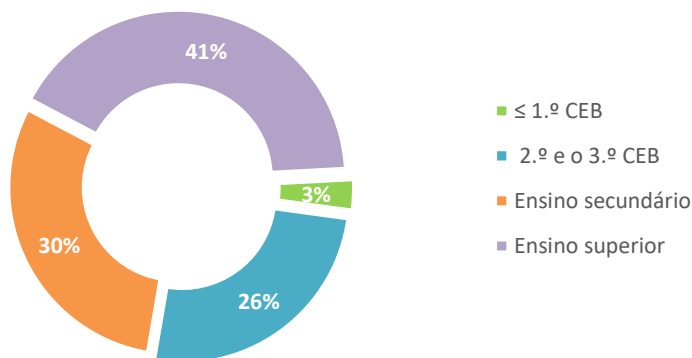


N = 44300

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

A maioria destes jovens são oriundos de famílias com um grau de escolaridade ao nível do ensino superior (41%) e ensino secundário (30%), observando-se que apenas 3% que são provenientes de famílias com habilitações escolares iguais ou inferiores ao 1.º CEB (figura 13).

Figura 13 – Jovens exclusivamente a estudar, por nível de escolaridade dominante na família (%)

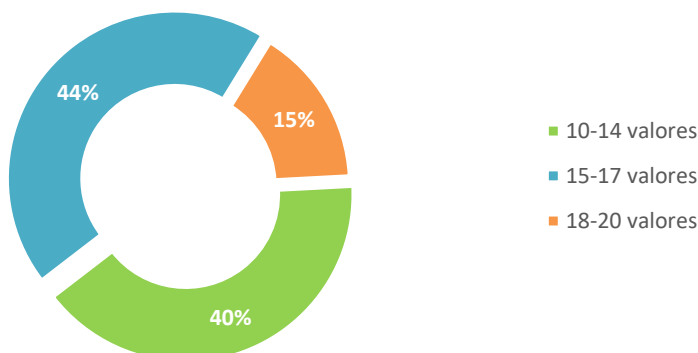


N = 44300

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Os jovens que prosseguiram exclusivamente estudos tinham, na sua maioria, médias iguais ou superiores a 15 valores (59%).

Figura 14 – Jovens exclusivamente a estudar, por média das classificações no secundário (%)



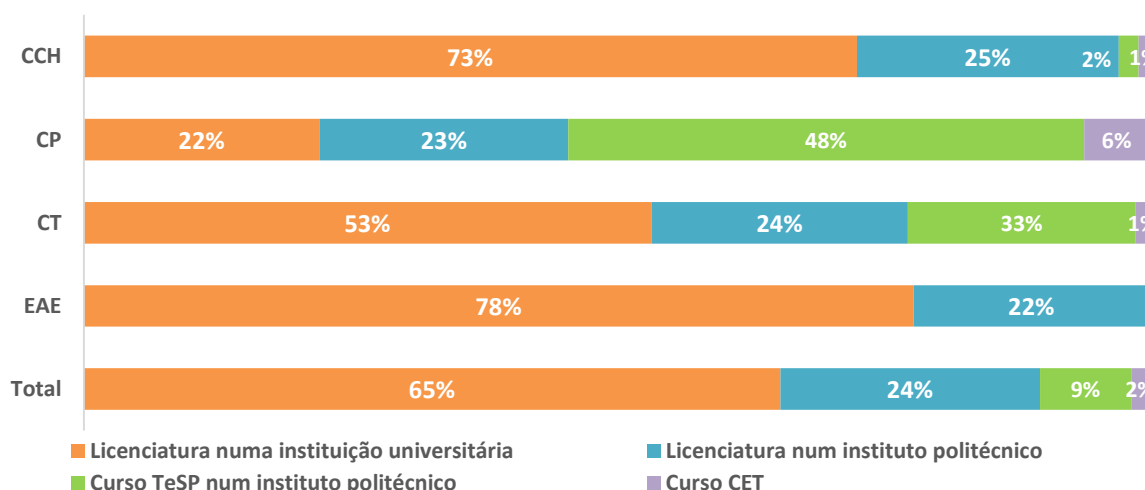
N = 40279

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

2.1. Formação frequentada e áreas de estudo mais escolhidas

98% dos jovens que se encontravam exclusivamente a estudar estava a frequentar um curso no ensino superior, nomeadamente, uma licenciatura numa instituição universitária (65%), licenciatura num instituto politécnico (24%) e 9% um curso técnico superior profissional num instituto politécnico (TESP). Os jovens provenientes dos cursos científico-humanísticos frequentavam maioritariamente uma licenciatura numa instituição universitária ou num instituto politécnico (73% e 25%), os jovens dos cursos profissionais (48%) eram os que mais frequentavam um curso TESP num instituto politécnico, assim como os dos cursos tecnológicos (33%). De salientar que os jovens do ensino artístico especializado são aqueles que mais prosseguem estudos para o ensino superior, seja para frequentar uma licenciatura numa instituição universitária (78%) ou licenciatura num instituto politécnico (22%) (figura 15).

Figura 15 – Jovens exclusivamente a estudar, por oferta de educação e formação no secundário e formação frequentada no pós-secundário (%)



N = 43043

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

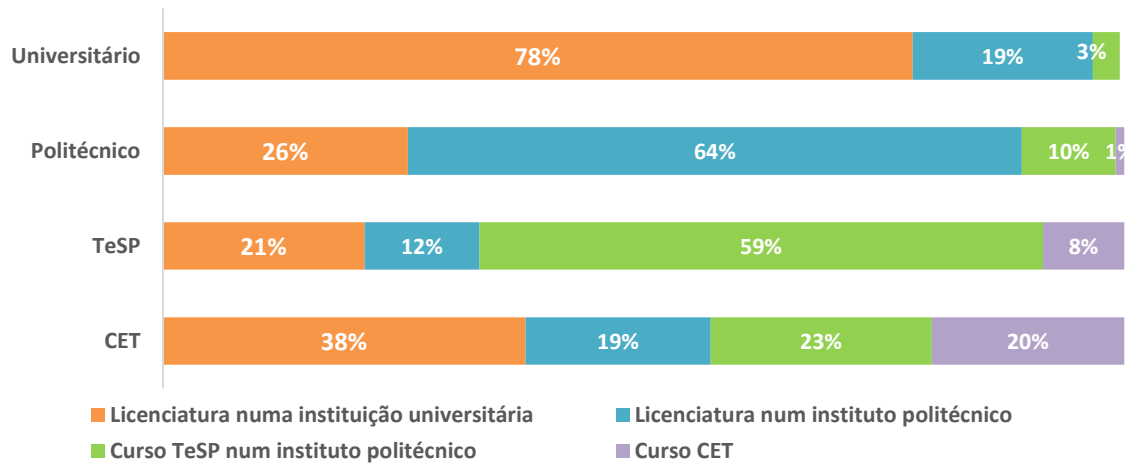
No que respeita as expetativas escolares² relatadas pelos jovens no Inquérito à Saída do Secundário 2017/18, 78% dos que pretendiam frequentar uma licenciatura num curso universitário, 64% uma licenciatura num instituto politécnico e 59% um curso Técnico Superior Profissional (TeSP) num instituto politécnico conseguiram fazê-lo. Os jovens que optaram por um TeSP foram aqueles que mais aumentaram as suas expetativas escolares, existindo 33% a frequentar uma licenciatura num curso universitário ou uma licenciatura num instituto politécnico. A superar todas as expetativas surgem os

² A expetativa escolar é aferida através do Inquérito Estudantes à Saída do secundário 2017/2018, aplicado sensivelmente a meio do último ano de escolaridade (12º ano dos Cursos Científico-Humanísticos; 3º ano dos Cursos Profissionais), em que se pergunta aos estudantes qual a oferta formativa que tencionam seguir quando concluírem o 12.º ano. É uma questão de resposta fechada e que tem por base as áreas de educação e formação da CNAEF.

jovens que esperavam prosseguir estudos para os cursos CET, e dos quais 80% acabaram por prosseguir estudos no ensino superior, e apenas 20% manteve as expetativas iniciais (figura 16).

Figura 16 – Jovens exclusivamente a estudar, por expetativas de formação à saída do secundário em 2017/2018 e formação frequentada no pós-secundário (%)

Escolher licenciatura ou curso...

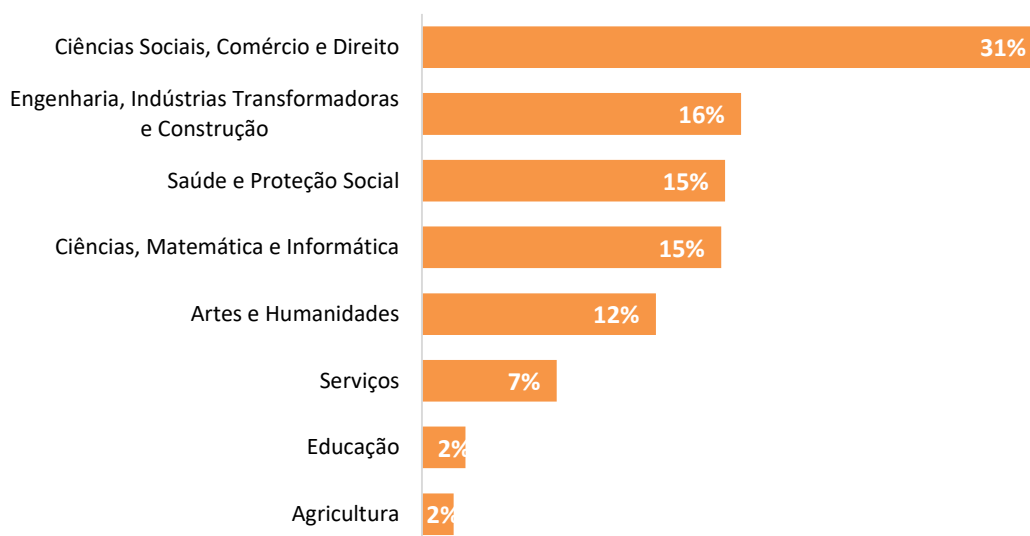


N = 36914

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

As áreas de estudo mais escolhidas por estes jovens – quer seja no ensino superior (licenciatura, mestrado Integrado, TeSP), quer em cursos de especialização profissional (CEF, CET, entre outros) – foram as ciências sociais, comércio e direito (31%), a engenharia, indústrias transformadoras e construção (16%), a saúde e proteção social (15%) e as ciências, matemática e informática (15%) (figura 17).

Figura 17 – Jovens exclusivamente a estudar, por área de estudo (%)



Notas:

As áreas de Educação da CITE 2011 utilizadas ao nível do grande grupo.

N = 39956

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Observando uma vez mais as expectativas dos jovens à saída do ensino secundário no ano letivo 2017/18, em que mencionaram a área de estudos que gostariam de frequentar no pós-secundário, verifica-se que a mesma no final do 12.º ano, e a realidade 14 meses depois é semelhante. A maioria destes jovens concretizou a expectativa que tinha quanto à área de formação a frequentar, destacando-se as seguintes áreas: ciências sociais, comércio e direito com 86% dos jovens, artes e humanidades (77%) e a saúde e proteção social (76%) (quadro 1).

Apesar da maioria dos jovens ter concretizado as expectativas que tinha no final do secundário, denota-se também que os percursos académicos no ensino superior são bastante mais abrangentes a nível de oferta do que no secundário, verificando-se que uma parte dos jovens que afirmaram querer seguir uma área de estudos específica no início do 2º período do 12º ano, acabaram por optar, pelo menos num primeiro ano após a conclusão do secundário, por uma área de formação distinta.

Quadro 1 – Jovens exclusivamente a estudar, por expectativas no 12.º ano (2017/18) e área de estudo no pós-secundário (%)

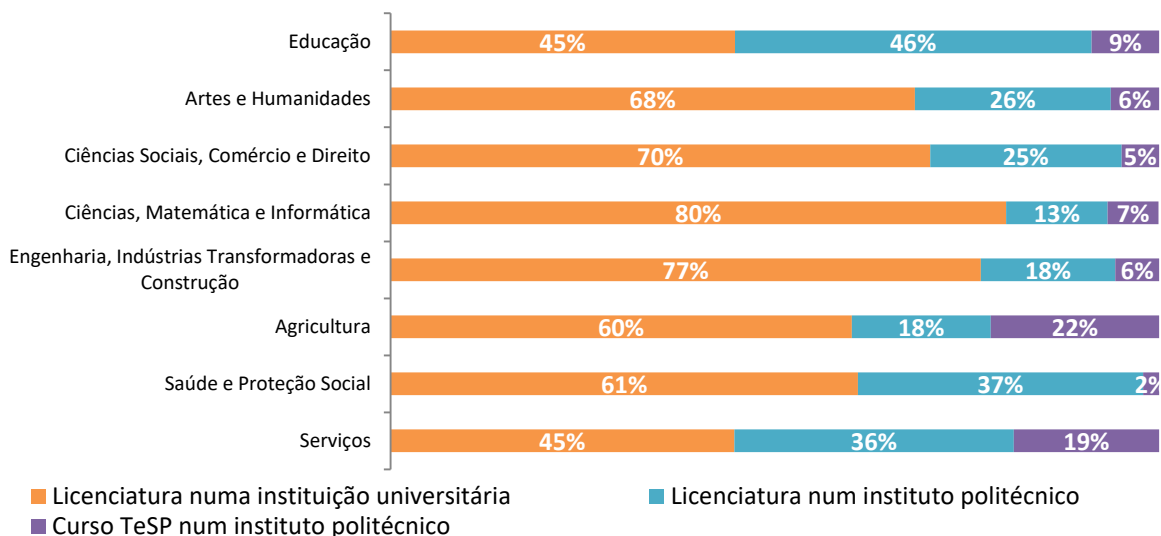
ÁREA DE ESTUDO NO PÓS-SECUNDÁRIO	EXPECTATIVA NO 12.º ANO, 2017/2018							
	Educação	Artes e humanidades	Ciências sociais, comércio e direito	Ciências, matemática e informática	Engenharia, indústrias transformadoras e construção	Agricultura	Saúde e proteção social	Serviços
Educação	57%	2%	2%	0%	0%	2%	1%	3%
Artes e Humanidades	12%	77%	5%	2%	2%	1%	1%	1%
Ciências Sociais, Comércio e Direito	22%	17%	86%	7%	5%	2%	10%	18%
Ciências, Matemática e Informática	3%	2%	3%	66%	17%	16%	6%	3%
Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção	0%	2%	1%	15%	72%	9%	4%	3%
Agricultura	0%	0%	0%	1%	1%	50%	1%	0%
Saúde e Proteção Social	2%	1%	2%	8%	4%	18%	76%	6%
Serviços	5%	1%	3%	1%	0%	2%	2%	66%

N = 27604

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Os jovens que escolheram a área das ciências, matemática e informática (80%), engenharia, indústrias transformadoras e construção (77%) e ciências sociais, comércio e direito (70%) são os que mais ingressaram numa licenciatura na universidade, enquanto aqueles que optaram pelas áreas da educação (46%), saúde e proteção social (37%) e serviços (36%) foram os que mais optaram por uma licenciatura num instituto politécnico. Destaca-se ainda que os jovens que mais escolheram a área da agricultura (22%) e dos serviços (19%) são os que mais entraram num curso TeSP num instituto universitário (figura 18).

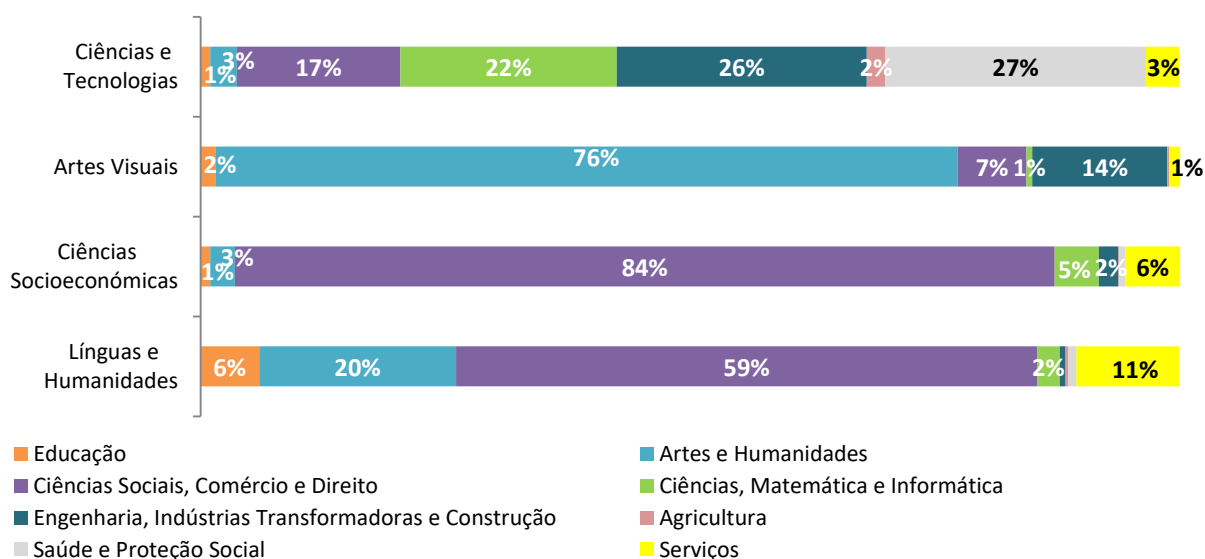
Figura 18 – Jovens exclusivamente a estudar, por formação frequentada no pós-secundário e área de estudo (%)



N = 39956
Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Quando comparamos o curso frequentado no secundário (cf. Inquérito à Saída do Secundário no ano letivo 2017/2018) e as áreas de estudo pós-secundárias para os jovens dos cursos científico-humanísticos as diferenças são bem visíveis. Os que frequentavam um curso de ciências socioeconómicas (84%) e de línguas e humanidades (59%) foram os que mais escolheram seguir a área de estudo das ciências sociais, comércio e direito, enquanto os do curso de artes visuais (76%) seguiram a área das artes e humanidades no pós-secundário. A maior dispersão pelas diferentes áreas de estudo ocorre no curso de ciências e tecnologias em que as opções recaíram na área da saúde e proteção social (27%), engenharia, indústrias transformadoras e construção (26%) e ciências, matemática e informática (22%) (figura 19).

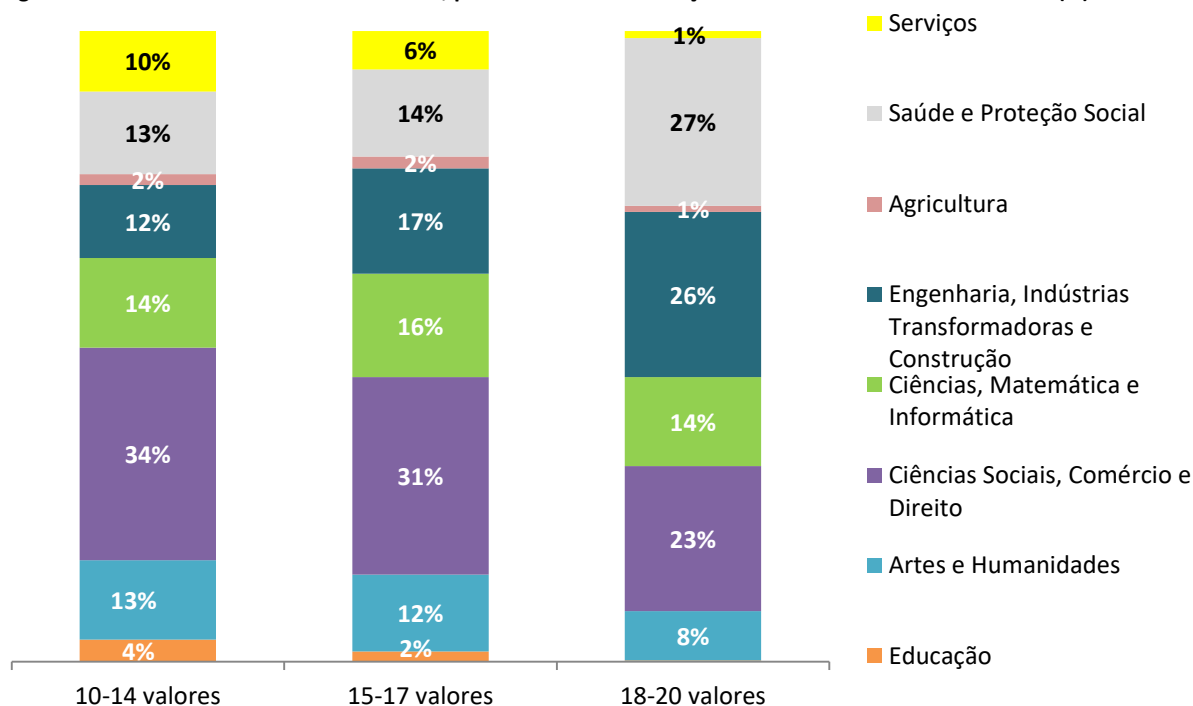
Figura 19 – Jovens exclusivamente a estudar, por curso do ensino secundário e área de estudo no ensino superior (%)



N = 33669
Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

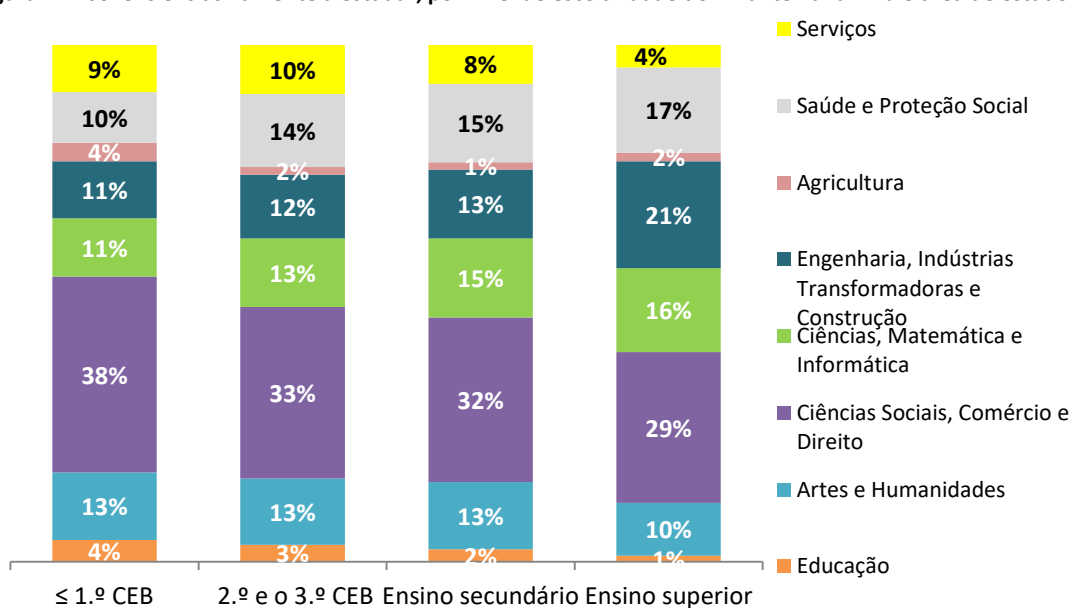
Tendo presente as exigências das médias de acesso ao ensino superior para cada uma das áreas de estudo, é sem surpresa que se verifica que os jovens com as médias mais altas escolheram, preferencialmente, as áreas da saúde e proteção social (18-20 valores – 27% e 10-14 valores – 13%) e da engenharia, indústrias transformadoras e construção (26% face a 12%), enquanto os jovens com médias mais baixas escolheram principalmente a área das ciências sociais, comércio e direito (34% face a 23%), das artes e humanidades (13% face a 8%) e dos serviços (10% face a 1%) (fig. 20).

Figura 20 – Jovens exclusivamente a estudar, por média das classificações no secundário e área de estudo (%)



N = 38380 | Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Figura 21 – Jovens exclusivamente a estudar, por nível de escolaridade dominante na família e área de estudo (%)



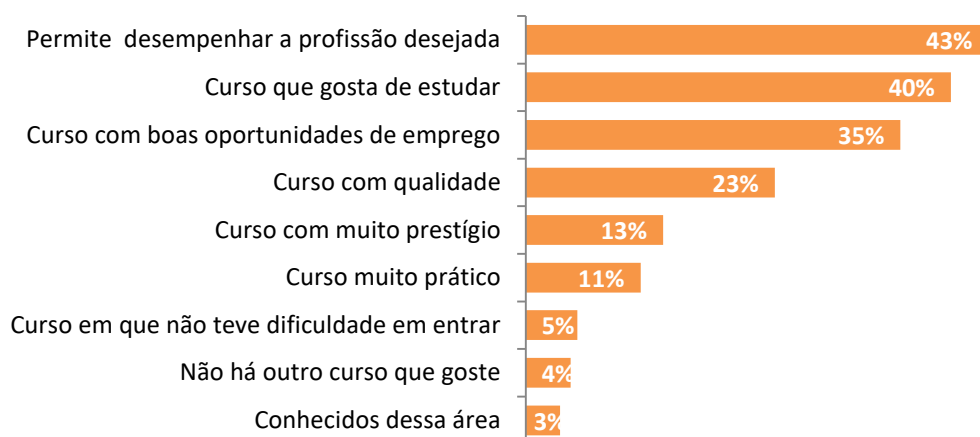
N = 10819 | Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Quanto mais elevadas as habilitações escolares das famílias dos jovens mais estes escolheram a área das ciências, matemática e informática (16% ensino superior face a 11% ≤1.ºCEB), engenharia, indústrias transformadoras e construção (21% face a 11%) e saúde e proteção social (17% face a 10%). Por outro lado, quanto menores os recursos escolares dos agregados familiares dos jovens, mais estes optaram pela área das ciências sociais, comércio e direito (38% ≤1.ºCEB face a 29% ensino superior), serviços (9% face a 4%) e artes e humanidades (13% face a 10%) (figura 21).

2.2. Razões para a escolha do curso e grau de satisfação

A escolha da área de estudo e do curso é uma decisão difícil, e ao mesmo tempo, importante para o futuro escolar e profissional dos jovens. Desempenhar a profissão desejada (43%), ser o curso que gostariam de estudar (40%), oferecer boas oportunidades de emprego (35%) e ter qualidade (23%) foram as razões mais apontadas pelos jovens para a escolha do curso ou formação (figura 22).

Figura 22 – Jovens exclusivamente a estudar, por razões para a escolha do curso ou formação (%)



N = 39984

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Quadro 2 – Jovens exclusivamente a estudar, por média das classificações no secundário e razões para a escolha do curso ou formação (%)

RAZÕES PARA A ESCOLHA DO CURSO OU FORMAÇÃO	10-14 valores	15-17 valores	18-20 valores
Permite desempenhar a profissão desejada	43	44	44
Curso que gosta de estudar	35	42	47
Curso com boas oportunidades de emprego	35	35	35
Curso com qualidade	20	25	28
Curso muito prático	14	10	5
Curso com muito prestígio	10	13	18
Curso em que não teve dificuldade em entrar	8	3	1
Não há outro curso que goste	4	4	4
Pessoas conhecidas dessa área	4	3	2

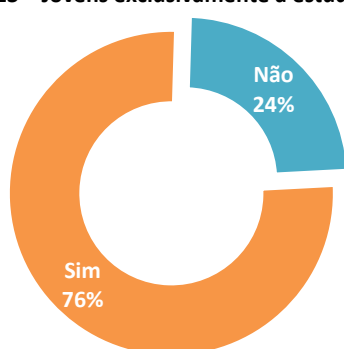
N = 39984

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

A análise da média das classificações revela que quanto mais elevada é a média do secundário, mais os jovens escolheram o curso por ser o que mais gostavam de estudar (18-20 valores – 47% face a 10-14 valores – 35%), por ter prestígio (18% face a 10%) e por ter qualidade (28% face a 20%). Os que obtiveram médias mais baixas justificavam a sua escolha com o facto de ser um curso muito prático (5% face a 14%) e um curso onde não teve dificuldades em entrar (1% face a 8%) (quadro 2).

Mas será que o curso frequentado pelos jovens foi a sua primeira opção? Como se pode verificar na figura 23, para 76% dos jovens o curso frequentado foi a sua primeira escolha, existindo, no entanto 24% que não estava a frequentar a sua primeira opção (figura 23).

Figura 23 – Jovens exclusivamente a estudar que entraram na 1ª opção escolhida (%)

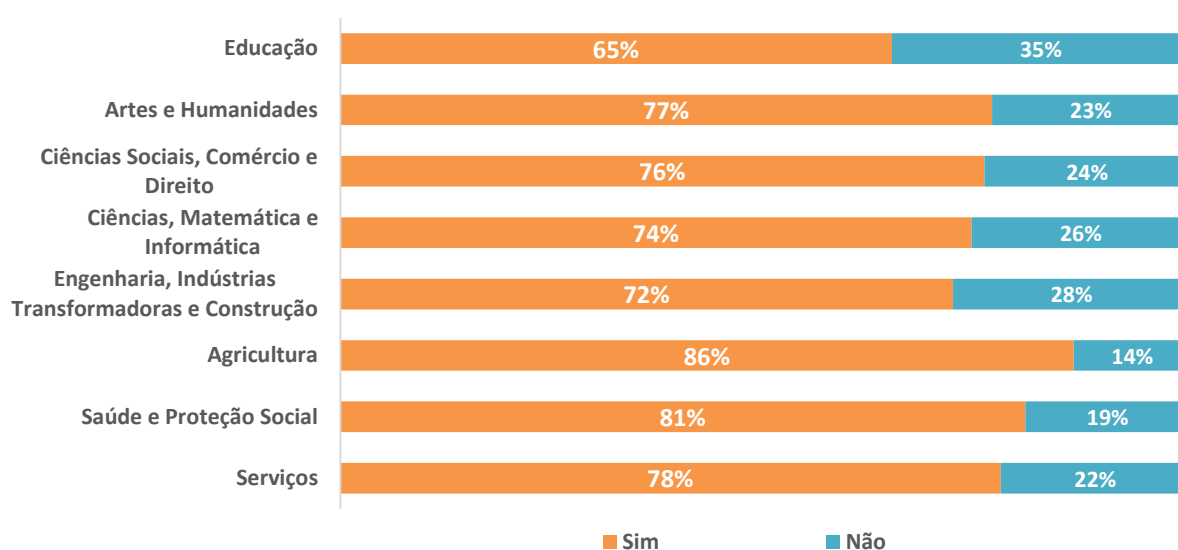


N = 40228

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Os jovens que se encontravam a frequentar a área da educação (35%), da engenharia, indústrias transformadoras e construção (28%), das ciências, matemática e informática (26%), e das ciências sociais, comércio e direito (24%) foram os que menos entraram na sua primeira opção (figura 24).

Figura 24 – Jovens exclusivamente a estudar que entraram na 1ª opção escolhida, por área de estudo (%)

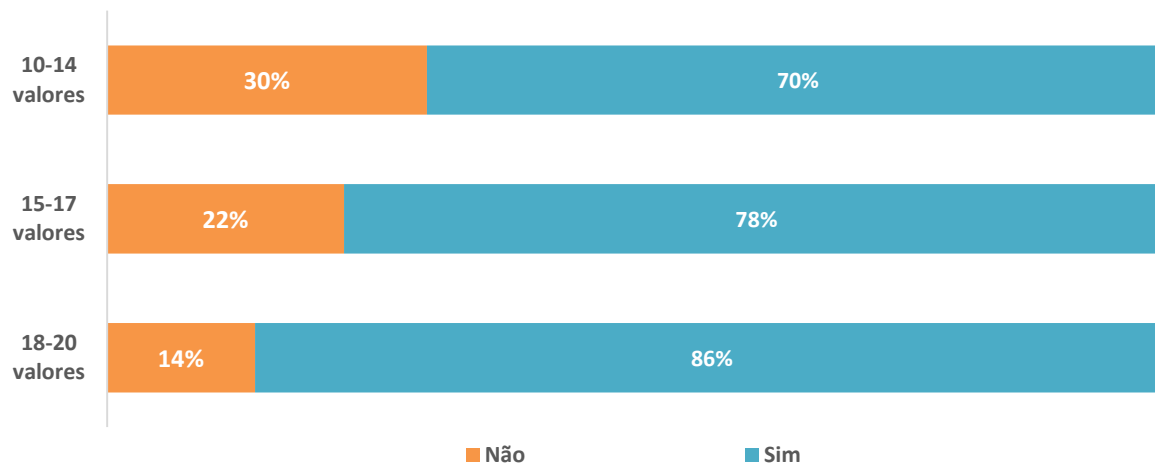


N = 10657

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Quanto mais elevada a média de classificações dos jovens mais estes entraram na primeira opção escolhida, verificando-se que 86% dos que obtiveram notas iguais ou superiores a 18 valores frequentavam a licenciatura ou o curso que escolheram em primeiro lugar. Numa situação inversa estavam os jovens que apresentaram uma média entre 10 e 14 valores, em que 30% não entrou na sua primeira opção (figura 25).

Figura 25 – Jovens exclusivamente a estudar que entraram na 1ª opção escolhida, por média das classificações no secundário (%)

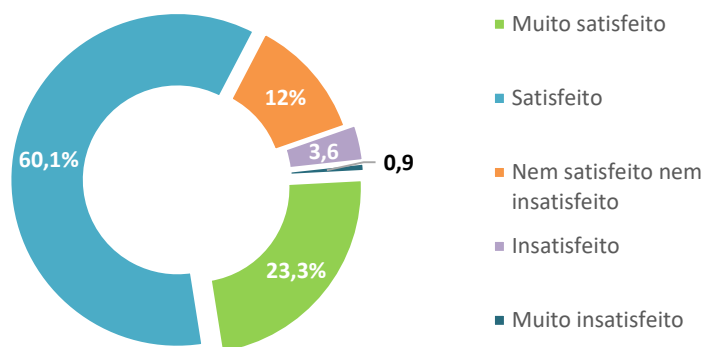


N = 10440

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Quanto ao grau de satisfação com o curso frequentado no momento de inquirição, a maioria dos jovens declararam estar satisfeitos ou muito satisfeitos com o trajeto académico ou escolar (83%), existindo apenas 5% que demonstravam estar insatisfeitos ou muito insatisfeitos (figura 26).

Figura 26 - Jovens exclusivamente a estudar, por grau de satisfação face ao trajeto escolar (%)



N = 40228

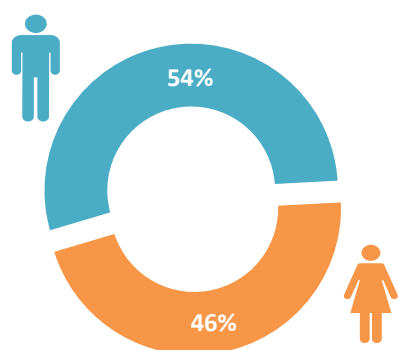
Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

3. Percursos no mercado de trabalho: jovens que concluíram o ensino secundário e estavam exclusivamente a trabalhar

O segmento de jovens que, após terem concluído o ensino secundário, se encontravam exclusivamente a trabalhar totalizam 23%. Neste capítulo pretende-se analisar os percursos destes jovens que estavam exclusivamente a trabalhar analisando-se as ofertas de educação e formação de onde provêm, as suas origens sociodemográficas e desempenho no ensino secundário. Relativamente à atividade profissional, interessa conhecer em que momento entraram no mercado de trabalho, como obtiveram trabalho, que motivações existiram para começar a trabalhar e, finalmente, em que regimes e em que categorias socioprofissionais se inseriram.

Ao contrário do que sucede aos jovens que estão exclusivamente a estudar, em que as raparigas são maioritárias, os rapazes são os que mais estão exclusivamente a trabalhar (54% contra 46% das raparigas) (figura 27).

Figura 27 - Jovens exclusivamente a trabalhar, por sexo (%)

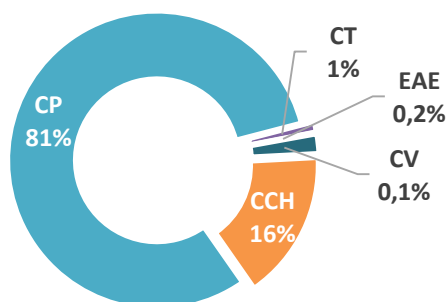


N = 16234

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

A grande maioria destes jovens frequentaram um curso profissional (81%), e apenas 16% um curso científico-humanístico. As restantes ofertas de educação e formação apresentam valores muito residuais, iguais ou inferiores a 2%, destacando-se os dos cursos do ensino artístico especializado onde apenas 0,2% se encontravam exclusivamente a trabalhar. Perante o valor residual do ensino artístico especializado, as análises seguintes não terão em conta esta oferta de educação e formação (figura 28).

Figura 28 - Jovens exclusivamente a trabalhar, por oferta de educação e formação no secundário (%)

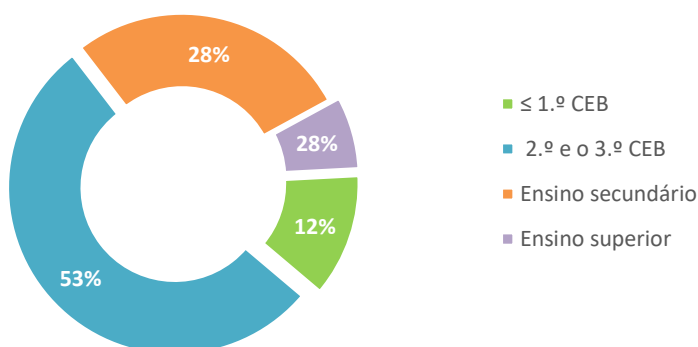


N = 16234

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Analisando o nível de escolaridade dominante na família dos jovens que estavam exclusivamente a trabalhar, constata-se que a maioria são provenientes de famílias com habilitações escolares iguais ou inferiores ao 2.º e 3.º CEB (65%), existindo apenas 7% que são oriundos de famílias com o ensino superior (figura 29).

Figura 29 - Jovens exclusivamente a trabalhar, por oferta de educação e formação no secundário e nível de escolaridade dominante na família (%)

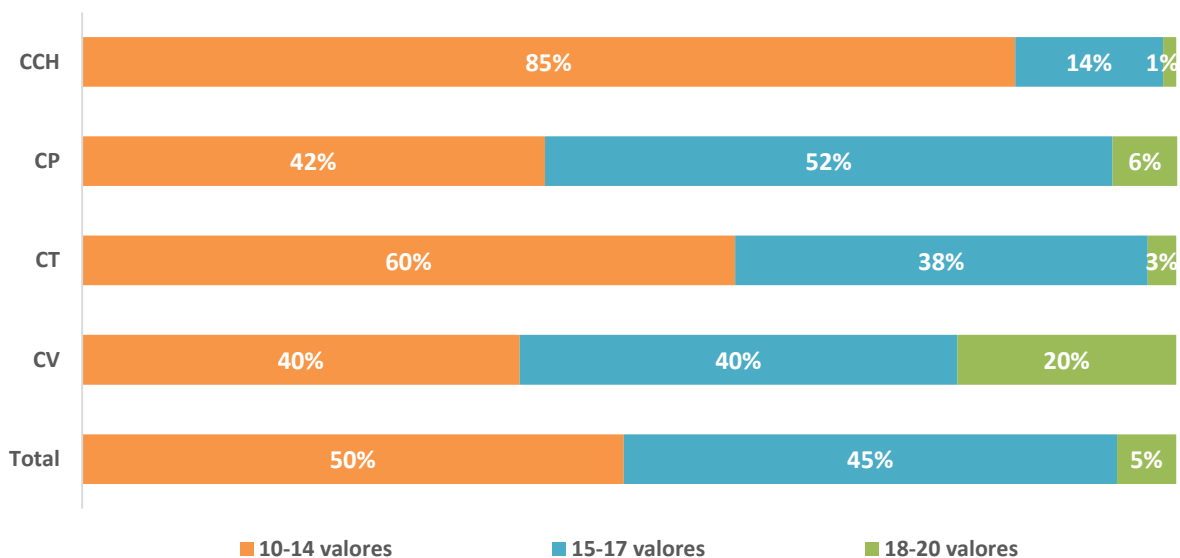


N = 16195

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Metade dos jovens que se encontravam exclusivamente a trabalhar obtiveram classificações entre os 10 e os 14 valores, existindo apenas 5% com classificações de excelência escolar (18-20 valores). As diferenças por oferta de educação e formação são bem notórias, verificando-se que os dos cursos científico-humanísticos (85%) e os dos cursos tecnológicos (60%) foram os que mais obtiveram uma média de classificações entre os 10 e os 14 valores, que se coaduna com a opção de integração imediata no mercado de trabalho. Por outro lado, aqueles que frequentavam os cursos profissionais (58%) e os cursos vocacionais (60%) tiveram médias mais elevadas (≤ 15 valores) indo ao encontro dos objetivos deste tipo de cursos, que tem dupla certificação, escolar e profissional, em que os jovens pretendem a integração imediata no mercado de trabalho, assumindo as médias de classificações um papel importante (figura 30).

Figura 30 - Jovens exclusivamente a trabalhar, por oferta de educação e formação e média das classificações no secundário (%)



N = 13677

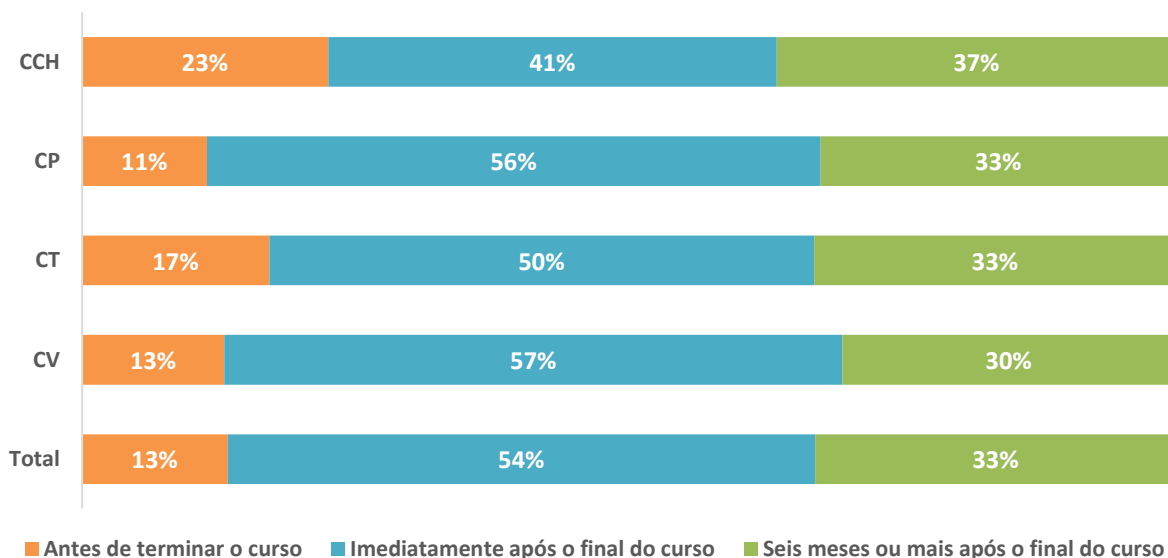
Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

3.1. Inserção profissional e motivações para a integração no mercado de trabalho

Neste ponto procura-se analisar os trajetos de inserção dos jovens no mercado de trabalho, nomeadamente em que momento estes jovens decidiram integrar o mercado de trabalho, o que os motivou a trabalhar em exclusividade, como conseguiram o trabalho que estavam a desempenhar.

A inserção profissional dá-se maioritariamente logo após a conclusão do ensino secundário (54%) ou seis ou mais meses após o final do curso (33%). De salientar que apenas 13% destes jovens começou a trabalhar antes de terem terminado o ensino secundário. Os que frequentavam os cursos profissionais (56%) e os cursos vocacionais (57%) obtiveram uma rápida integração, iniciando a sua atividade profissional imediatamente após o término da sua formação no ensino secundário. De salientar que estas ofertas de educação e formação concluem o ensino secundário com um diploma de dupla certificação que os habilita à integração no mercado de trabalho de forma qualificada. Ao invés, os jovens dos cursos científico-humanísticos são os que mais começaram a trabalhar antes de terminarem o curso (23%) ou seis ou mais meses após o final do curso (37%) (figura 31).

Figura 31 - Jovens exclusivamente a trabalhar, por oferta de educação e formação no secundário e momento de inserção profissional (%)

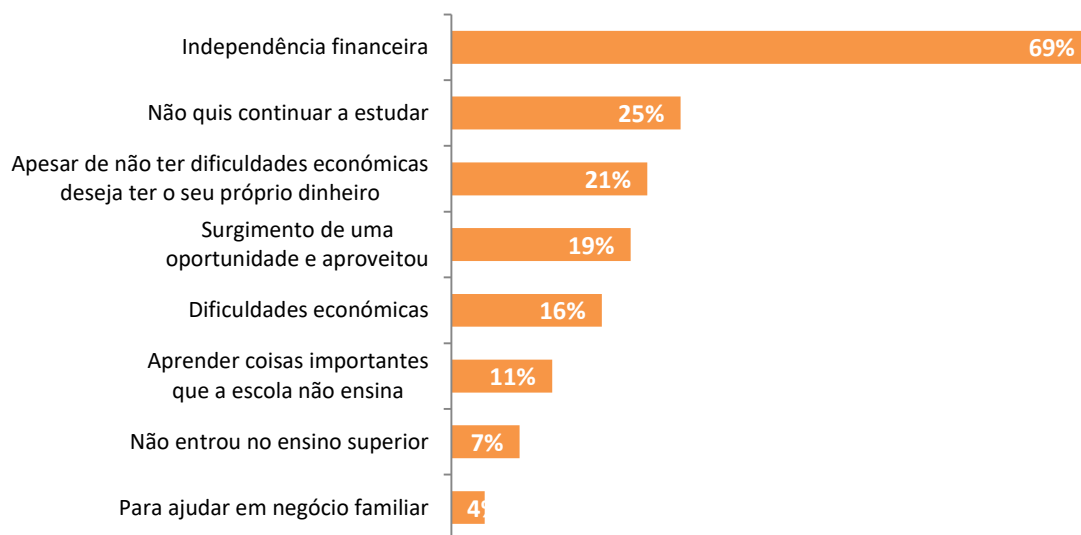


N = 14448

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

O desejo de independência financeira (69%), o não quererem continuar a estudar (25%), o desejo de terem o seu próprio dinheiro, apesar da família não ter dificuldades económicas (21%) e o terem aproveitado uma oportunidade que surgiu (19%) foram as razões mais apontadas pelos jovens para terem iniciado a sua atividade profissional (figura 32).

Figura 32 - Jovens exclusivamente a trabalhar, por razões para iniciarem a atividade profissional (%)

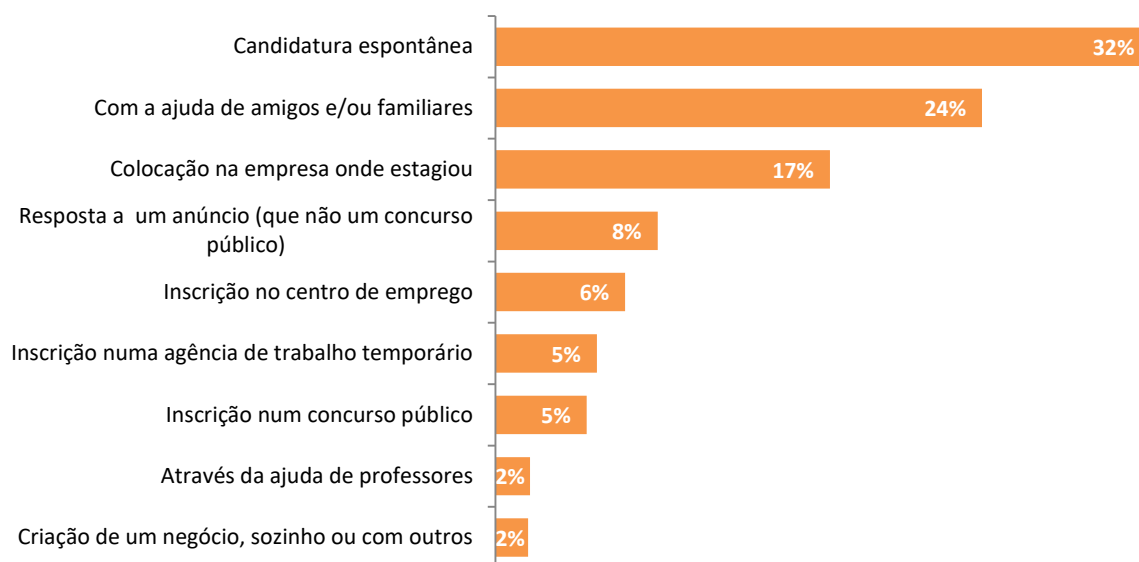


N = 14424

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

A candidatura espontânea (32%), a ajuda de amigos e/ou familiares (24%) e a colocação na empresa onde realizaram o estágio (17%) foram os principais meios utilizados por estes jovens integrarem o mercado de trabalho. A inscrição num concurso público (5%), a ajuda de professores (2%) e a criação de um negócio (2%) assumem pouca relevância no processo de inserção profissional (figura 33).

Figura 33 - Jovens exclusivamente a trabalhar, por modo de inserção profissional (%)



N = 13678

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Os jovens dos cursos profissionais (19%) e dos cursos vocacionais (23%) são os que mais conseguiram colocação na empresa onde estagiaram. De realçar que os cursos profissionais têm uma componente de estágio que, na maioria das escolas, é dividido por diferentes anos letivos e realizado em diferentes locais, possibilitando aos jovens destes cursos experienciar realidades laborais diversas e, facilitando uma possível integração na empresa onde estagiou³. A ajuda de amigos e ou familiares na obtenção do emprego foi a medida mais referida pelos jovens dos cursos tecnológicos (43%). Os jovens provenientes dos cursos científico-humanísticos são os que mais referem ter ingressado na atividade profissional através da inscrição num concurso público (10%) e da resposta a um anúncio, que não um concurso público (8%) (quadro 3).

³ Ver publicação dos estágios profissionais disponível no seguinte link: <https://www.dgeec.mec.pt/np4/477/>

Quadro 3 - Jovens exclusivamente a trabalhar, por oferta de educação e formação no secundário e modo de inserção profissional (%)

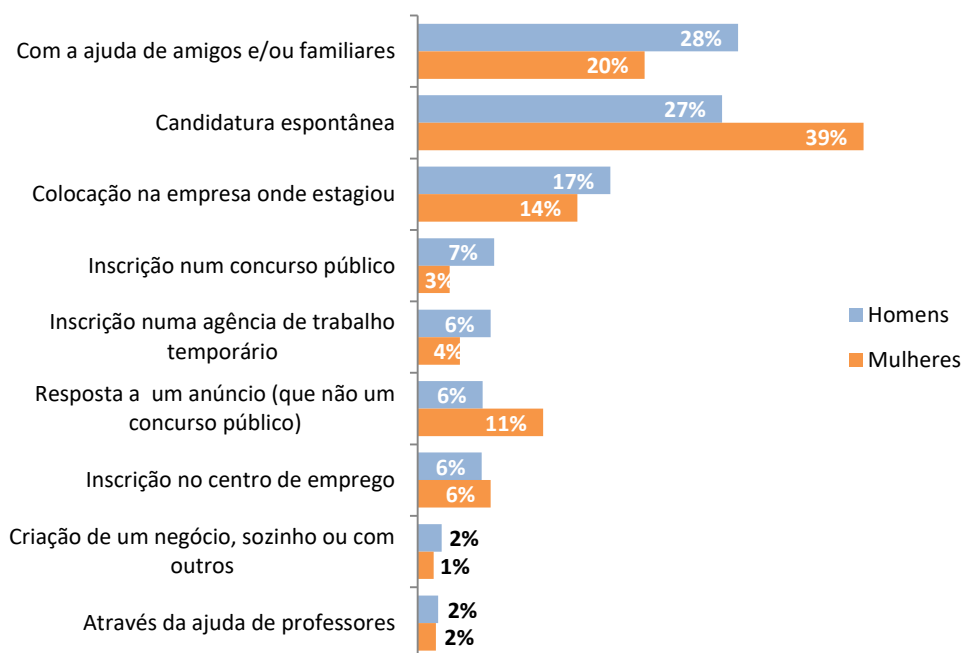
MODO DE INSERÇÃO PROFISSIONAL	CCH	CP	CT	CV
Candidatura espontânea	43	30	27	36
Com a ajuda de amigos e/ou familiares	27	23	43	27
Colocação na empresa onde estagiou	2	19	12	23
Resposta a um anúncio (que não um concurso público)	8	8	5	-
Inscrição no centro de emprego	2	7	6	5
Inscrição numa agência de trabalho temporário	5	5	-	-
Inscrição num concurso público	10	3	3	9
Através da ajuda de professores	0	2	4	-
Criação de um negócio, sozinho ou com outros	2	2	1	-

N = 13678

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

O modo de inserção profissional entre homens e mulheres apresenta diferenças, uma vez que os homens se inseriram mais profissionalmente através da ajuda de amigos e ou familiares (28% de homens face a 20% de mulheres), da colocação onde fez o seu estágio (17% face a 14%) e inscrição num concurso publico /7% face a 3%), enquanto as mulheres foi através de uma candidatura espontânea (27% face a 39%) e na resposta a um anuncio que não um concurso público (6% face a 11%) (figura 34).

Figura 34 - Jovens exclusivamente a trabalhar, por sexo e modo de inserção profissional (%)



N = 14482

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Quanto mais elevados os recursos escolares das famílias dos jovens mais estes afirmavam terem começado a trabalhar através de uma candidatura espontânea (38% ensino superior face a 30% ≤ 1.º CEB), a inscrição num concurso público (9% face a 3%) e a resposta a um anúncio (12% face a 9%). Por outro lado, quanto menores as habilitações mais os jovens se inseriram profissionalmente com a ajuda de amigos e ou familiares (16% face a 28%), ficando colocados onde fizeram o estágio (14% face a 17%) e inscrição num centro de emprego (2% face a 6%) (Quadro 4).

Quadro 4 - Jovens exclusivamente a trabalhar, por nível de escolaridade dominante na família e modo de inserção profissional (%)

MODO DE INSERÇÃO PROFISSIONAL	≤ 1.º CEB	Entre o 2º e o 3º CEB	Ensino secundário	Ensino superior
Candidatura espontânea	30	34	35	38
Com a ajuda de amigos e/ou familiares	28	25	21	16
Colocação na empresa onde estagiou	17	16	14	14
Resposta a um anúncio (que não um concurso público)	9	8	10	12
Inscrição no centro de emprego	6	7	5	2
Inscrição numa agência de trabalho temporário	4	5	5	6
Inscrição num concurso público	3	3	7	9
Através da ajuda de professores	2	2	2	2
Criação de um negócio, sozinho ou com outros	1	2	2	3

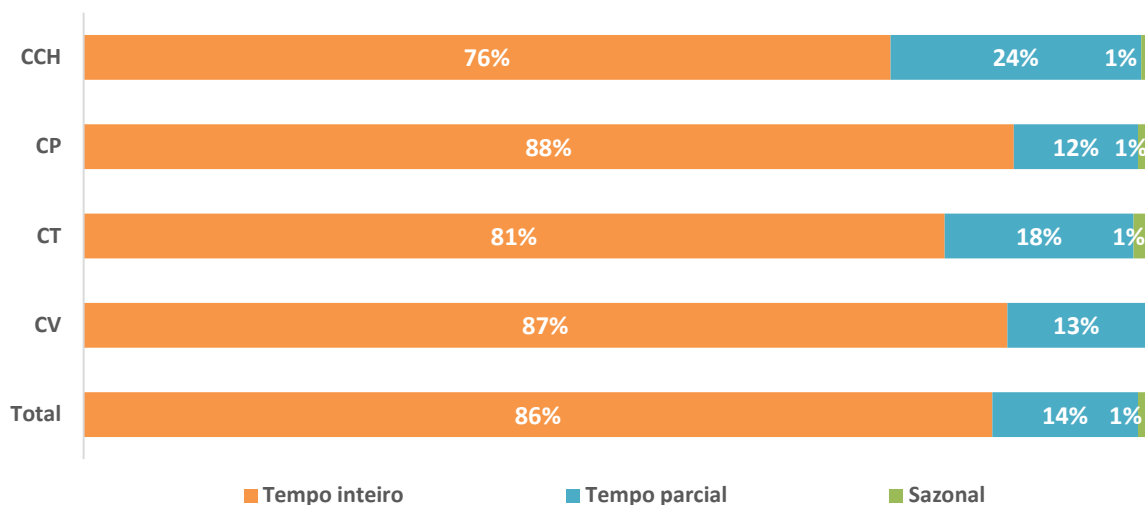
N = 14482

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

3.2. Regime de trabalho, profissão desempenhada e satisfação com o percurso profissional

Uma vez que estes jovens se encontravam exclusivamente a trabalhar, não é de estranhar que a maioria estava a desenvolver a sua atividade profissional a tempo inteiro (86%) e apenas 1% se encontrava a trabalhar de forma sazonal. Os jovens dos cursos profissionais (88%) e dos cursos vocacionais (87%) são os que mais trabalhavam a tempo inteiro, ao invés dos jovens dos cursos científico-humanísticos (24%) e dos cursos tecnológicos (18%) que são quem mais desempenhavam uma profissão a tempo parcial (figura 35).

Figura 35 - Jovens exclusivamente a trabalhar, por oferta de educação e formação no secundário e condição perante o trabalho (%)



N = 14355

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Estes jovens desempenhavam profissões enquadradas principalmente nos grupos: “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” (37%), “trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices” (14%), “trabalhadores não qualificados” (14%), “técnicos e profissionais de nível intermédio” (11%) e “pessoal administrativo” (12%). De realçar que, as profissões menos desempenhadas inserem-se no grupo profissional dos “agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta” (1%) e dos “representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes e gestores executivos” (2%). Dentro do grande grupo do pessoal dos serviços, estes jovens eram principalmente vendedores (18%) e trabalhadores dos serviços pessoais (13%).

Cerca de metade dos jovens dos cursos científico-humanísticos e dos cursos tecnológicos estavam a desempenhar profissões inseridas no grupo do “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores”. Por outro lado, aqueles que frequentavam um curso vocacional são os que mais se encontravam a desenvolver profissões inseridas no grupo dos “trabalhadores não qualificados” (44%) e do “pessoal administrativo” (25%). Quem apresenta uma maior dispersão pelos diversos grupos profissionais são os jovens dos cursos profissionais, que para além de desenvolverem profissões no grupo do “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança” (33%), também se inserem nos “trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices” (15%), “trabalhadores não qualificados” (15%), e “técnicos e profissionais de nível intermédio” (13%) (quadro 5).

Quadro 5 - Jovens exclusivamente a trabalhar, por grande grupo profissional e oferta de educação e formação (%)

GRANDE GRUPO PROFISSIONAL DO JOVEM	Cursos Científico-Humanísticos	Cursos Profissionais	Cursos Tecnológicos	Cursos Vocacionais	Total
Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes e gestores executivos	2%	2%	2%	-	2%
Especialistas das atividades intelectuais e científicas	3%	6%	-	-	5%
Técnicos e profissionais de nível intermédio	6%	13%	10%	6%	11%
Pessoal administrativo	13%	12%	2%	25%	12%
Pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	53%	33%	50%	13%	37%
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	1%	1%	-	-	1%
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	8%	15%	19%	13%	14%
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	3%	5%	-	-	4%
Trabalhadores não qualificados	11%	15%	17%	44%	14%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Notas:

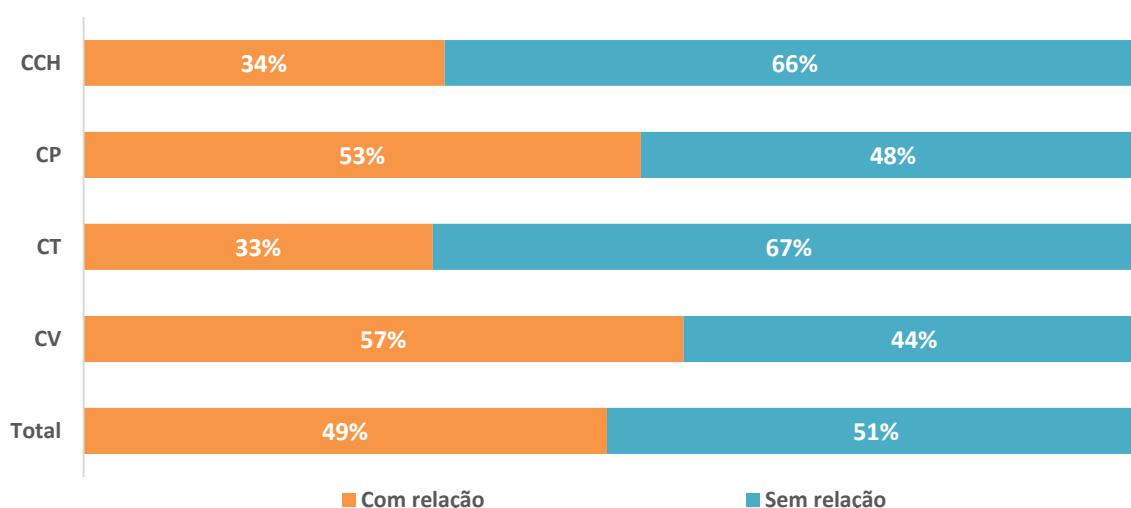
Classificação portuguesa das profissões (CPP2010), ao nível do Grande Grupo.

N = 9993

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

A maioria destes jovens (51%) declarou não existir relação entre a profissão atual e o seu projeto profissional futuro, embora existam diferenças quando analisamos por oferta de educação e formação, constatando-se que para os jovens dos cursos profissionais (53%) e dos cursos vocacionais (57%) existia relação entre o seu trabalho e as suas expectativas profissionais futuras, mas para os jovens dos cursos científico-humanísticos (34%) e dos cursos tecnológicos (33%) não existia essa relação (figura 36).

Figura 36 - Jovens exclusivamente a trabalhar, por oferta de educação e formação no secundário e relação entre profissão atual e projeto profissional futuro (%)

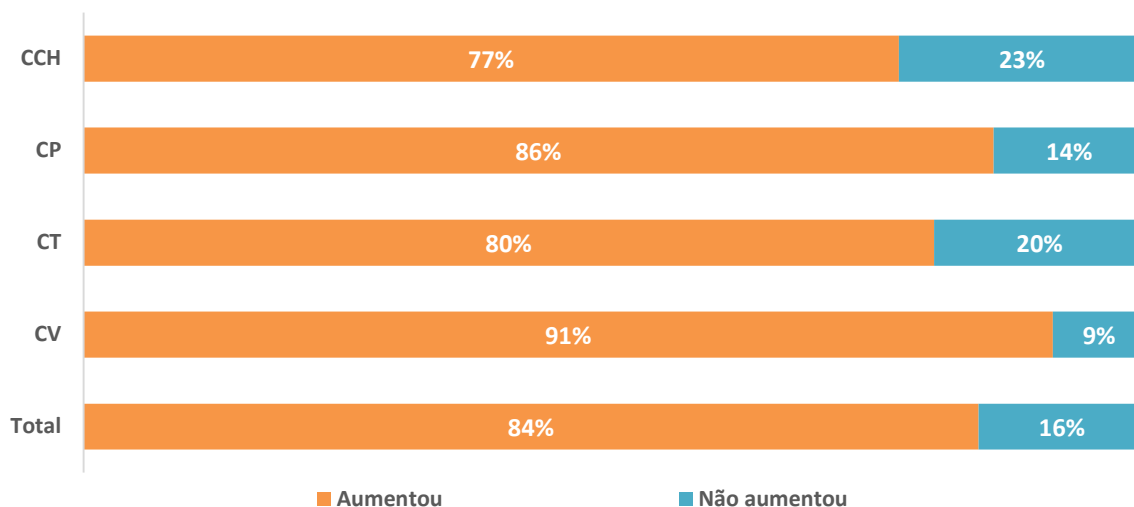


N = 14423

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Com a conclusão do ensino secundário, a probabilidade de encontrar um emprego aumenta segundo a opinião de uma maioria dos jovens (84%), sendo os jovens dos cursos profissionais (86%) e os dos cursos vocacionais (91%) os que mais referiram que o ensino secundário ajudou na obtenção de um emprego (figura 37).

Figura 37 - Jovens exclusivamente a trabalhar, por oferta de educação e formação no secundário e opinião sobre se a conclusão do ensino secundário aumenta a possibilidade de encontrar um emprego e (%)

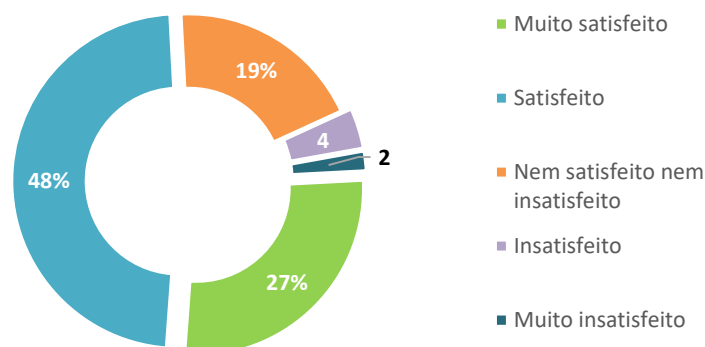


N = 14402

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

A maioria dos jovens demonstraram estar satisfeitos ou muito satisfeitos com o trabalho que estavam a desempenhar (75%), existindo cerca de um quinto que não se encontrava nem satisfeito nem insatisfeito (19%). Os dos cursos profissionais (78%) e dos cursos vocacionais (87%) são os que se encontravam mais satisfeitos com o seu trabalho. De salientar que os dos cursos tecnológicos (18%) são os manifestavam maior insatisfação, e os dos cursos científico-humanísticos (28%) revelaram indiferença quanto ao trabalho realizado (figura 38).

Figura 38 - Jovens exclusivamente a trabalhar, por oferta de educação e formação no secundário e grau de satisfação com o trabalho desempenhado (%)



N = 14424

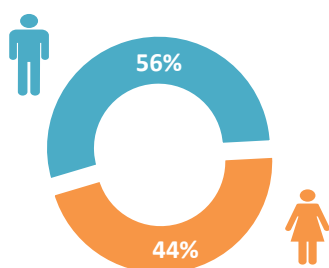
Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

4. Trabalhadores-estudantes: jovens que concluíram o ensino secundário e estavam simultaneamente a estudar e a trabalhar

Os jovens que terminaram o ensino secundário, e que se encontravam numa situação de trabalhadores-estudantes representavam 8% do total de jovens. Neste capítulo pretende-se analisar as características sociodemográficas destes jovens trabalhadores-estudantes, de que ofertas de educação e formação provêm, qual o seu desempenho no ensino secundário, que tipo de formação estavam a frequentar e por que áreas de estudo optaram. E relativamente à atividade profissional desenvolvida, conhecer qual era o regime de trabalho em que se encontravam e respetivas categorias socioprofissionais, bem com o grau de satisfação com o curso e com o trabalho.

Tal como nos jovens que estavam exclusivamente a trabalhar, eram os rapazes que me mais se encontravam no estatuto de trabalhadores-estudantes (56% de rapazes contra 44% das raparigas) (figura 39).

Figura 39 - Jovens trabalhadores-estudantes, por sexo (%)

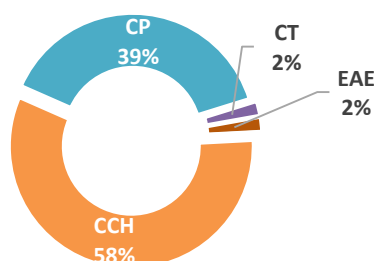


N = 5637

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Como se pode observar, a distribuição dos jovens trabalhadores-estudantes é similar à distribuição inicial, verificando-se que a maioria frequentou um curso científico-humanístico (58%), seguindo-se os cursos profissionais (39%); os provenientes dos cursos tecnológicos e dos cursos do ensino artístico especializado assumiam valores residuais de apenas 2% cada (figura 40).

Figura 40 - Jovens trabalhadores-estudantes, por oferta de educação e formação no secundário (%)

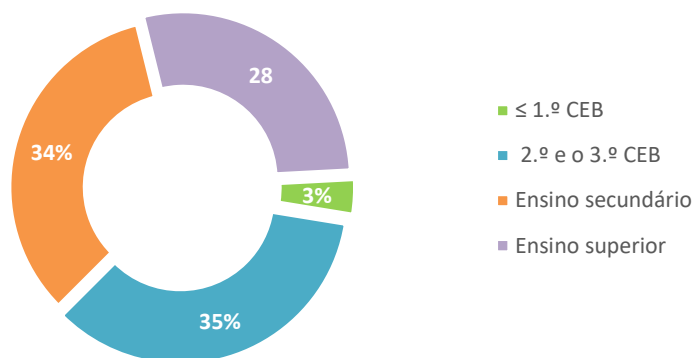


N = 5637

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

As famílias destes jovens apresentavam na sua maioria habilitações escolares iguais ou superiores ao ensino secundário (62%), existindo apenas 3% com um nível de escolaridade igual ou inferior ao 1.º CEB (figura 41).

Figura 41 - Jovens trabalhadores-estudantes, por nível de escolaridade dominante na família (%)



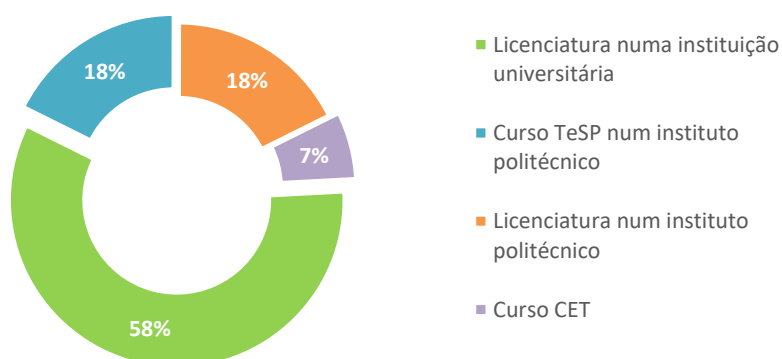
N = 5637

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

De seguida pretende-se analisar o percurso escolar dos jovens trabalhadores-estudantes, compreendendo qual a formação frequentada, a respetiva área de estudo e o grau de satisfação com o seu trajeto académico e escolar.

Mais de metade destes jovens estavam a frequentar um licenciatura num curso universitário (58%), seguindo-se os que estudavam uma licenciatura num instituto politécnico (18%) e num curso TeSP num instituto politécnico (18%). A dispersão por oferta de educação e formação é semelhante à da figura 15, referente aos jovens que se encontravam a estudar exclusivamente (figura 42).

Figura 42 - Jovens trabalhadores-estudantes, por oferta de educação e formação no secundário e formação frequentada no pós-secundário (%)

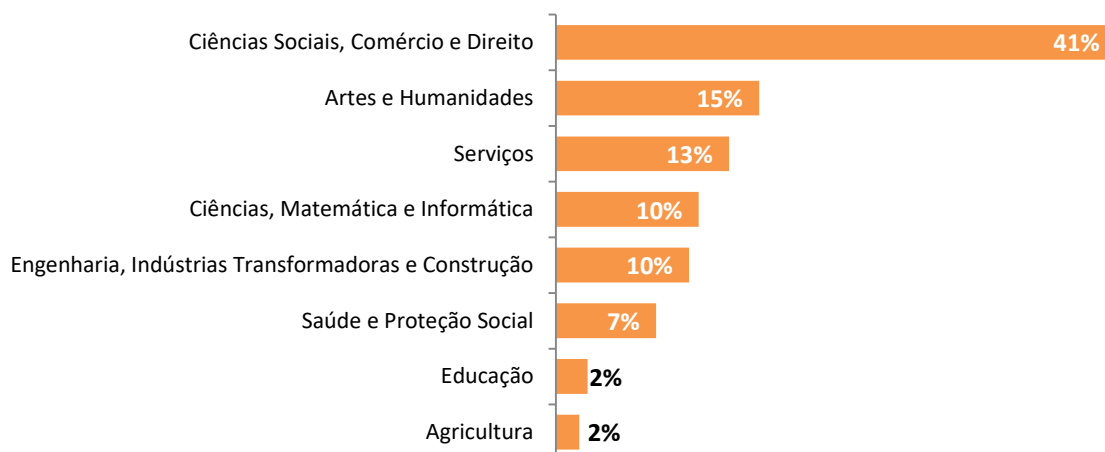


N = 4850

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

A área de estudo mais frequentada pelos trabalhadores-estudantes são as ciências sociais, comércio e direito (41%), as artes e humanidades (15%) e os serviços (13%), sendo as áreas menos frequentadas as da agricultura e a educação, ambas com 2% (figura 43).

Figura 43 - Jovens trabalhadores-estudantes, por área de estudo no pós-secundário (%)

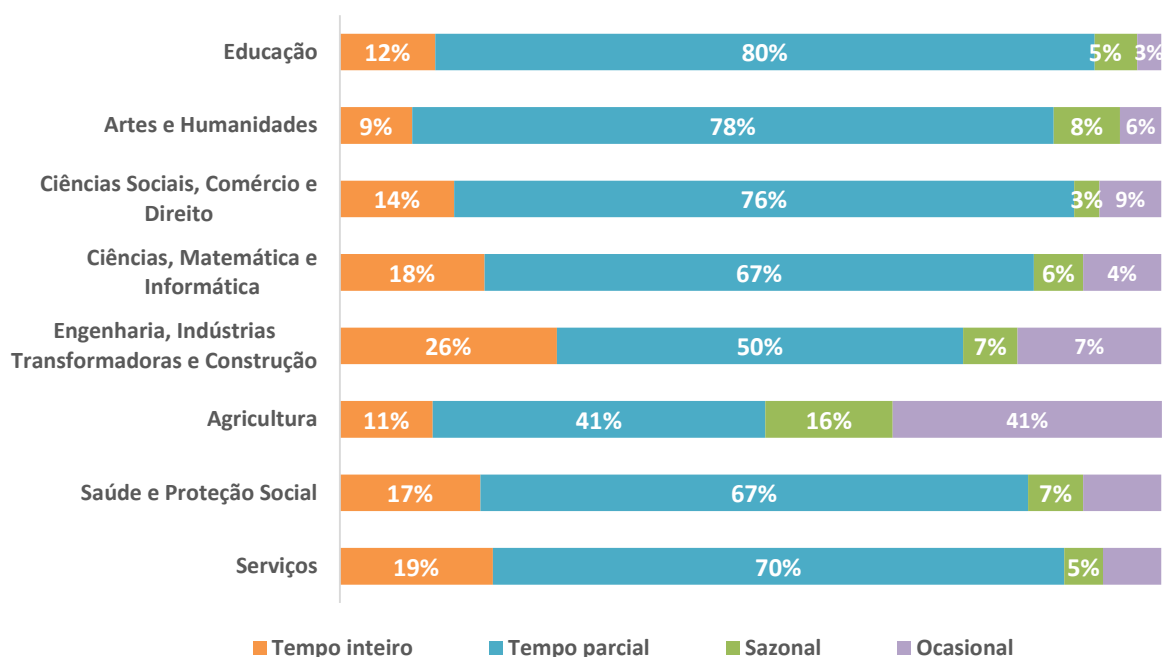


N = 4462

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Os jovens que mais trabalhavam a tempo inteiro eram os que frequentavam a área das engenharias, indústrias transformadoras e construção (26%), dos serviços (19%) e das ciências, matemática e informática (18%). Por outro lado, são aqueles que frequentam a área da educação (80%), das artes e humanidades (78%) e das ciências sociais, comércio e direito (76%) que mais desenvolvem a sua atividade profissional a tempo parcial. Destacam-se os jovens trabalhadores-estudantes que frequentam a área da agricultura, uma vez que são os que mais trabalham de forma ocasional (41%) ou sazonal (16%) (figura 44).

Figura 44 - Jovens trabalhadores-estudantes, por área de estudo no pós-secundário e condição perante o trabalho (%)

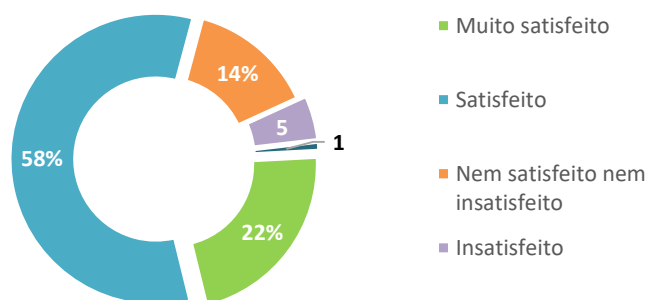


N = 3927

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

No que respeita ao grau de satisfação com o trajeto académico e escolar, a maioria dos jovens considera-se satisfeitos ou muito satisfeitos (80%) e 14% assumem uma posição neutra. Se, por um lado, os jovens dos cursos científico-humanísticos eram os que estavam mais neutros quanto à sua satisfação com o curso frequentado (16%), por outro, os jovens provenientes do ensino artístico especializado manifestaram maior insatisfação com o seu trajeto escolar (18%). A totalidade dos jovens trabalhadores-estudantes provenientes dos cursos tecnológicos declarou-se satisfeita ou muito satisfeita com o percurso escolar (figura 45).

Figura 45 - Jovens trabalhadores-estudantes, por oferta de educação e formação no secundário e grau de satisfação com o trajeto escolar (%)

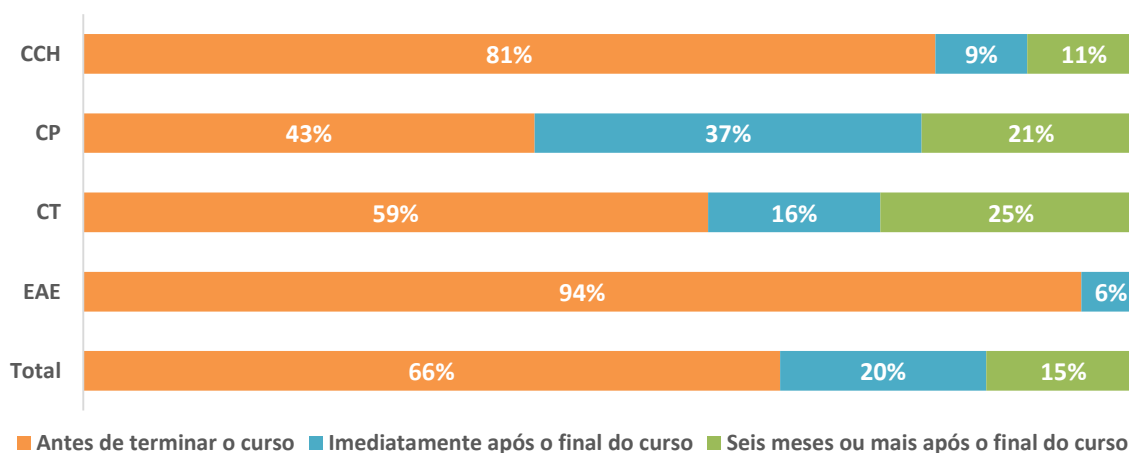


N = 5081

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

No que concerne à integração profissional destes jovens, observa-se que 66% começou a trabalhar antes de terminar o ensino secundário, seguindo-se os que começaram a trabalhar logo após o final deste nível de ensino (20%). Os jovens provenientes do ensino artístico especializado (94%) e dos cursos científico-humanísticos (81%) foram os que mais integraram o mercado de trabalho antes de terminar o ensino secundário, e os provenientes dos cursos profissionais (37%) os que mais começaram a trabalhar imediatamente após o final do curso (figura 46).

Figura 46 - Jovens trabalhadores-estudantes, por oferta de educação no secundário e formação e momento de inserção profissional (%)

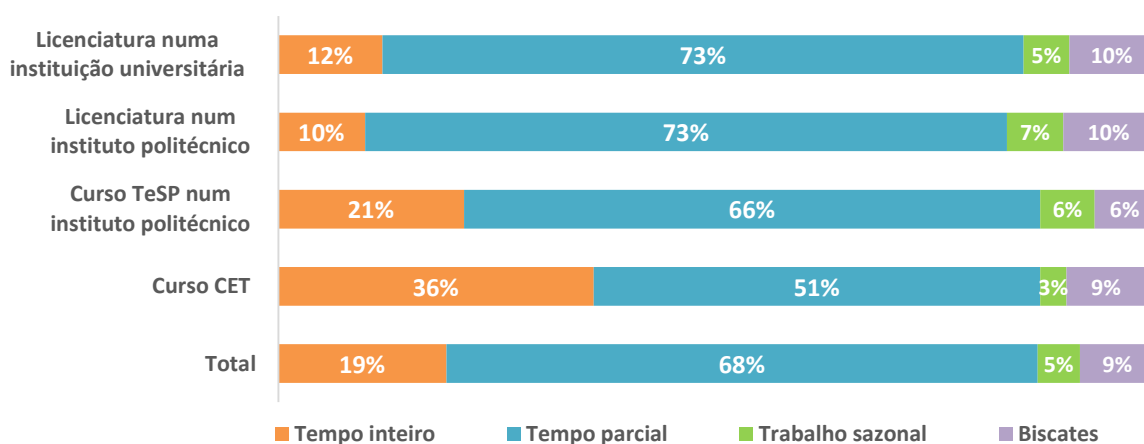


N = 4622

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Uma vez que estes jovens se encontravam simultaneamente a estudar e a trabalhar, 68% exerciam a sua atividade profissional a tempo parcial, existindo apenas 19% que se encontravam a trabalhar a tempo inteiro. Os que mais desempenhavam a sua profissão a tempo inteiro eram os jovens a frequentar cursos CET (36%) e cursos TeSP (21%), enquanto que nas restantes formações frequentadas o trabalho era desempenhado, na larga maioria, em regime de trabalho parcial. Eram também os jovens que frequentavam uma licenciatura numa universidade ou num politécnico que mais trabalhavam em regime ocasional (10%) (figura 47).

Figura 47 - Jovens trabalhadores-estudantes, por formação frequentada no pós-secundário e condição perante o trabalho (%)



N = 3930

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Cerca de metade das profissões desempenhadas pelos trabalhadores-estudantes inseriam-se na categoria do “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” (51%), seguindo-se os “técnicos e profissionais de nível intermédio” (13%), “especialistas das atividades intelectuais e científicas” (10%) e “trabalhadores não qualificados” (10%) (quadro 6).

Quadro 6 - Jovens trabalhadores-estudantes, por oferta de educação e formação no secundário e grande grupo profissional (%)

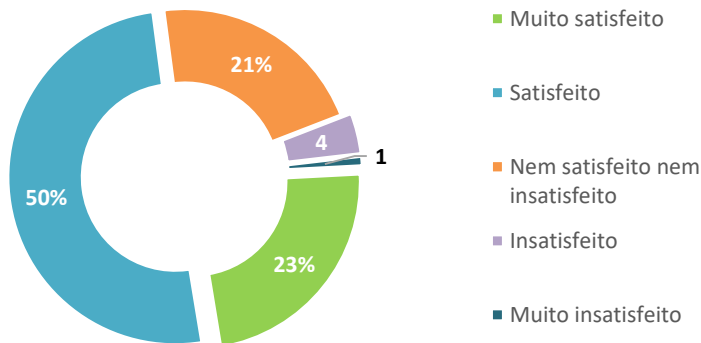
GRANDE GRUPO PROFISSIONAL DO JOVEM	%
Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes e gestores executivos	3%
Especialistas das atividades intelectuais e científicas	10%
Técnicos e profissionais de nível intermédio	13%
Pessoal administrativo	8%
Pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	51%
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	1%
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artificies	3%
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	2%
Trabalhadores não qualificados	10%
Total	100%

N = 3482

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

A análise do grau de satisfação com o trajeto profissional dos trabalhadores-estudantes permite constatar que a maioria se encontravam satisfeitos ou muito satisfeitos (73%), existindo, no entanto, 21% que mantêm uma posição neutra. Os jovens provenientes do ensino artístico especializado eram os que mais estavam insatisfeitos (43%), e os dos cursos científico-humanísticos eram os que apresentavam posição mais neutra quanto ao grau de satisfação com o seu trabalho (figura 48).

Figura 48 - Jovens trabalhadores-estudantes, por oferta de educação e formação no secundário e grau de satisfação com o trajeto profissional (%)



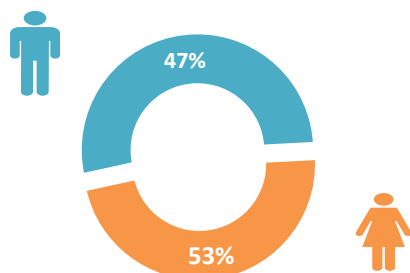
N = 4603

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

5. Jovens que não estudam, nem trabalham

Catorze meses após a conclusão do ensino secundário, 6% dos jovens encontravam-se numa situação de indefinição, uma vez que não estudavam nem trabalhavam, sendo a maioria raparigas (53% contra 47% dos rapazes) (figura 49).

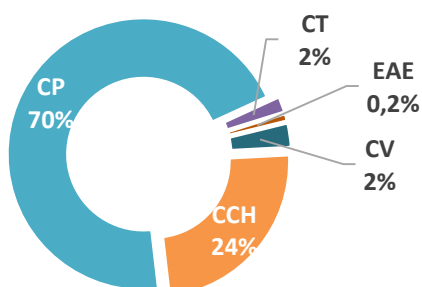
Figura 49 - Jovens que não estudam, nem trabalham, por sexo (%)



N = 4460 | Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

A maioria dos jovens que não estudavam, mas estavam à procura de emprego eram oriundos de cursos profissionais (70%), seguindo-se os dos cursos científico-humanísticos (24%) (figura 50).

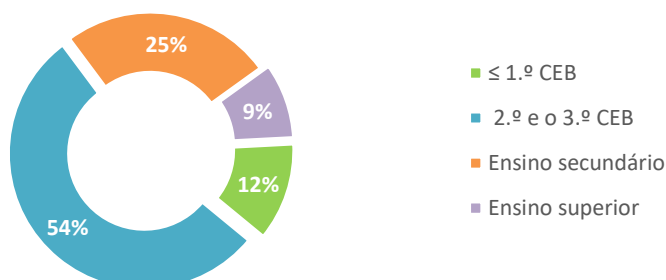
Figura 50 - Jovens que não estudam, nem trabalham, por oferta de educação e formação no secundário (%)



N = 4460 | Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

A maioria destes jovens eram provenientes de famílias com habilitações escolares iguais ou inferiores ao 3.º CEB (66%), existindo apenas 9% que detinham o ensino superior (figura 51).

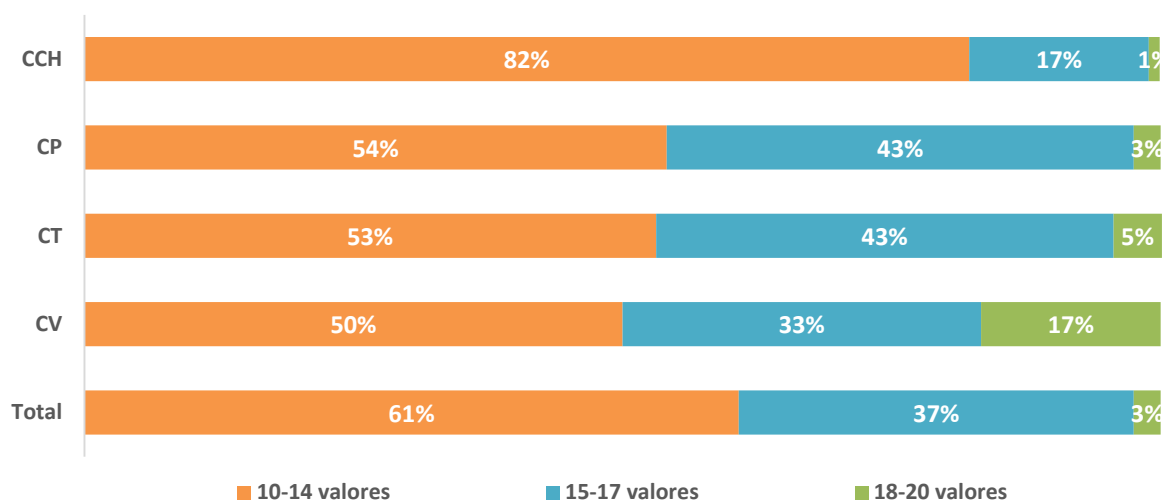
Figura 51 - Jovens que não estudam, nem a trabalham, por nível de escolaridade dominante na família (%)



N = 4434 | Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

A análise do desempenho destes jovens no ensino secundário demonstra que a maioria obteve uma média de classificações entre os 10 e os 14 valores (61%), existindo apenas 3% que obtiveram uma média de excelência escolar (18-20 valores). São os jovens dos cursos científico-humanísticos que apresentaram médias das classificações mais baixas (10-14 valores – 82%), comparativamente com os dos cursos profissionais (46%), dos cursos tecnológicos (47%) e dos cursos vocacionais (50%) que tiveram médias mais elevadas (15-17 valores e 18-20 valores) (figura 52).

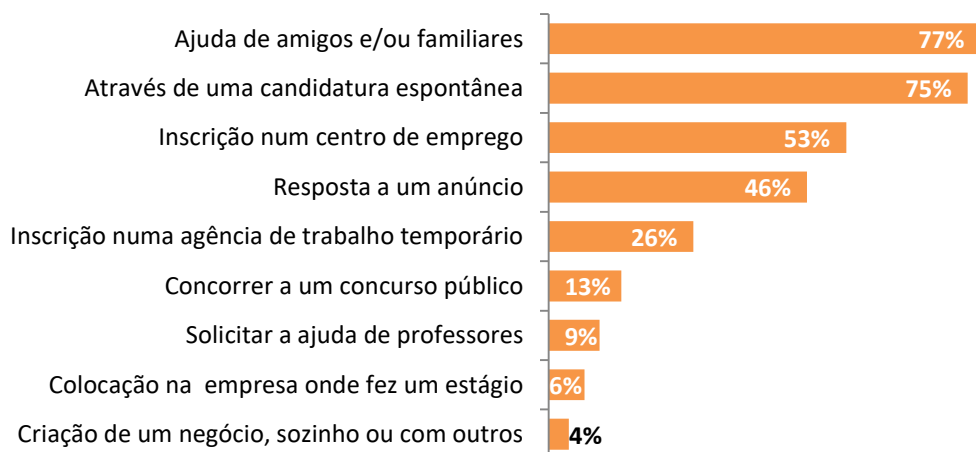
Figura 52 - Jovens que não estudam, nem a trabalham, por oferta de educação e formação e média das classificações no secundário (%)



N = 3596 | Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Apesar destes jovens se encontrarem perante um percurso indefinido, não se encontrando nem a estudar, nem a trabalhar, mas à procura de um emprego, indagou-se quais as medidas que estavam a adotar para encontrar um trabalho e que motivações tinham para começar a trabalhar.

Figura 53 - Jovens que não estudam, nem a trabalham, por medidas adotadas para obter um emprego (%)



N = 3920

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Pedir a ajuda de amigos e/ou familiares (77%), realizar uma candidatura espontânea (75%), inscrever-se num centro de emprego (53%) e responder a anúncios (46%) foram as medidas mais assinaladas pelos jovens para conseguir arranjar um trabalho (figura 53).

As motivações para quererem começar a trabalhar eram maioritariamente de índole financeira, isto é, uns pretendiam ter independência financeira (74%), outros, apesar de não terem dificuldades económicas desejavam ter o seu próprio dinheiro (29%) e, por fim, outros por terem dificuldade económicas (26%) (figura 54).

Figura 54 - Jovens que não estudam, nem a trabalhar, por razões para quererem começar a trabalhar (%)



N = 3954

Fonte: DGEEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2019.

Nota metodológica

No âmbito do acompanhamento dos trajetos escolares dos estudantes no ensino secundário foi aplicado, entre outubro de 2019 e maio de 2020, o inquérito “Jovens no pós-secundário, 2019”.

Para analisar os trajetos escolares dos estudantes do ensino secundário são aplicados três inquéritos em três momentos distintos do percurso:

- Inquérito aos Estudantes à Entrada do Secundário, aplicado aos alunos matriculados nos seguintes cursos: 10.º ano dos cursos científico-humanísticos, 10.º ano dos cursos tecnológicos, 1.º ano dos cursos profissionais, 10.º ano do ensino artístico especializado
- Inquérito aos Estudantes à Saída do Secundário, aplicado aos alunos matriculados nos seguintes cursos: 12.º ano dos cursos científico-humanísticos, 12.º ano dos cursos tecnológicos, 3.º ano dos cursos profissionais, 12.º ano do ensino artístico especializado;
- Inquérito aos Jovens no Pós-Secundário, aplicado aos jovens que compunham a coorte inicial catorze meses após a conclusão esperada do 12.º ano. É sobre este último inquérito que se vai debruçar a nossa análise.

O inquérito aos jovens no pós-secundário permite inquirir:

1. os alunos que concluíram o ensino secundário ou equivalente catorze meses após a data prevista de conclusão; e
2. os alunos da coorte inicial que, tendo mudado para ofertas formativas não tuteladas pelo Ministério da Educação ou sofrido reprovações, interrupções, saídas antecipadas ou precoces ao longo do seu percurso pelo secundário, não foram abrangidos pelo inquérito Estudantes à Saída do Secundário.

A recolha dos dados aqui apresentados foi realizada através do envio do inquérito por correio eletrónico, para os jovens que responderam ao questionário “Estudantes à Saída do Secundário 2017-2018”. A edição “jovens no pós-secundário 2019” é censitária e visa retratar o percurso dos 71 978 jovens após a conclusão do ensino secundário, contando com 24% de respostas e 76% de dados extrapolados. Por questões de arredondamento, os totais nem sempre somam 100%.

O público alvo deste inquérito foram os jovens que se encontravam numa das seguintes situações:

- 1) a frequentar o ensino pós-secundário ou ensino superior;
- 2) a trabalhar;
- 3) em situação de trabalhador-estudante;
- 4) não estavam a estudar, nem a trabalhar, mas estavam à procura de emprego;
- 5) outra situação.

Para mais informações sobre estes dados, consultar os sumários estatísticos do inquérito em <http://www.dgeec.mec.pt/np4/47/> ou contactar a Divisão de Estudos e de Gestão do Acesso a Dados para Investigação (DEGADI/DGEEC), através do seguinte endereço eletrónico: dgeec.degadi@dgeec.mec.pt.

Siglas e abreviaturas

CCH	Cursos Científico-Humanísticos
CEB	Ciclo do Ensino Básico
CEF	Cursos de Educação e Formação
CEP	Cursos de especialização profissional
CET	Curso de Especialização Tecnológica
CP	Cursos Profissionais
CPP	Classificação Portuguesa das Profissões
CPQ	Cursos profissionalmente qualificantes
CT	Cursos Tecnológicos
DEGADI	Divisão de Estudos e de Gestão do Acesso a Dados para Investigação
DGEEC	Direção-Geral de Estatísticas da Educação Ciência
EAE	Ensino Artístico Especializado
ES	Ensino superior
H	Homens
HM	Total de Homens e Mulheres
M	Mulheres
NS/NR	Não sabe/ Não responde
OTES	Observatório de Trajetos dos Estudantes do Ensino Secundário
TeSP	Curso Técnico Superior Profissional

Anexos

Tabela 1 – Caracterização das várias ofertas de educação e formação com equivalência ao ensino secundário abrangidas no OTES

Cursos	Descrição	Destinatários	Duração
Científico-Humanísticos (CCH)	Oferta educativa vocacionada para o prosseguimento de estudos de nível superior, de caráter universitário ou politécnico. Conferem um diploma de conclusão do ensino secundário.	Jovens com o 9.º ano de escolaridade ou equivalente	
Ensino Artístico Especializado (EAE)	Formação nas áreas da dança, da música e das artes visuais e dos audiovisuais. Estes cursos estão orientados na dupla perspetiva do prosseguimento de estudos em cursos de especialização tecnológica ou de ensino superior e da inserção no mundo do trabalho. Nestes cursos a avaliação assume modalidades diferentes em função da vertente artística de formação, conferindo um diploma de conclusão do nível secundário de educação, e um certificado de qualificação profissional de nível 4.	Jovens com o 9.º ano de escolaridade ou equivalente	Curso do ensino secundário com a duração de três anos letivos (10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade).
Cursos Profissionais (CP)	Os Cursos Profissionais (1) contribuem para que se desenvolvam competências pessoais e profissionais para o exercício de uma profissão; (2) privilegiam as ofertas formativas que correspondem às necessidades de trabalho locais e regionais; (3) preparam para aceder a formações pós-secundárias ou ao ensino superior. A conclusão, com aproveitamento, confere um diploma de nível secundário de educação e um certificado de qualificação profissional de nível 4.	Jovens com o 9.º ano de escolaridade ou equivalente	Três anos do ciclo de formação modular, a gerir pela escola.
Cursos Tecnológicos (CT)	São cursos profissionalmente qualificantes, orientados na dupla perspetiva da inserção no mundo do trabalho e do prosseguimento de estudos para os cursos pós-secundários de especialização tecnológica e para o ensino superior. Conferem um diploma de conclusão do ensino secundário e um certificado de qualificação profissional de nível 4.	Jovens com o 9.º ano de escolaridade ou equivalente	Curso do ensino secundário com a duração de três anos letivos (10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade).
Cursos Vocacionais (CV)⁴	Estes cursos procuram dar resposta às exigências da saída profissional que se pretende obter. Conferem um diploma de conclusão do ensino secundário e um certificado de qualificação profissional de nível 4.	Jovens a partir dos 16 anos de idade com o 9.º ano de escolaridade ou equivalente.	Têm duração de dois anos e uma estrutura curricular organizada por módulos.

⁴ Os cursos vocacionais foram extintos no ano letivo de 2017/18 e substituídos pelos cursos de educação e formação (CEF).

Tabela 1.1 – Caracterização das várias ofertas de educação e formação pós-secundária, abrangidas no OTES

	Cursos	Descrição
Ensino superior	Universitário e Politécnico	Nível de ensino que compreende o ensino universitário e politécnico, aos quais têm acesso indivíduos habilitados com um curso secundário ou equivalente e indivíduos maiores de 23 anos que, não possuindo a referida habilitação, revelem qualificação para a sua frequência através de prestação de provas.
	Cursos técnico superior profissional (TeSP)	Destinam-se a: jovens com o 12.º ano ou equivalente; alunos que tenham sido aprovados nas provas destinadas a avaliar a capacidade para a frequência do ensino superior dos maiores de 23 anos, realizadas para o curso em causa; alunos que tendo obtido aprovação em todas as disciplinas dos 10.º e 11.º anos de um curso de ensino secundário ou equivalente que sejam considerados aptos através de prova de avaliação de capacidade; e os titulares de um diploma de especialização tecnológica, de um diploma de técnico superior profissional ou de um grau de ensino superior, que pretendam a sua requalificação profissional. Estes cursos têm 120 créditos, a duração de quatro semestres letivos e diploma de conclusão do ensino secundário e qualificação profissional de nível 5.
Curso de especialização profissional (CEP)	Cursos de Especialização Tecnológica (CET)	Formações pós-secundárias não superiores que preparam para uma especialização científica ou tecnológica numa determinada área de formação. A organização do curso tem componentes de formação em contexto escolar e em contexto de trabalho e uma qualificação profissional de nível 5.
	Cursos de Educação e Formação (CEF – tipo 7)	São percursos flexíveis e ajustados aos interesses de cada aluno, constituindo-se como uma oportunidade de prosseguimento de estudos ou formação que permita uma entrada qualificada no mundo do trabalho. A conclusão de um CEF de tipo 7, com total aproveitamento, confere uma certificação profissional de nível 4. Destinam-se a jovens titulares do 12º ano de um curso científico-humanístico ou equivalente do nível secundário de educação que pertença à mesma ou a área de formação. Têm um percurso com a duração de 1 ano.